



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MIRACEMA DO TOCANTINS  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**JOSÉ ANTÔNIO CORREIA DE CARVALHO**

**A TRANSFERÊNCIA NA CLÍNICA DA PERVERSÃO: CONSIDERAÇÕES SOBRE  
O LUGAR DO ANALISTA**

**MIRACEMA DO TOCANTINS, TO**

**2024**

**José Antônio Correia de Carvalho**

**A transferência na clínica da perversão: considerações sobre o lugar do analista**

Monografia apresentada à Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus Universitário de Miracema do Tocantins para obtenção do título de bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Monteiro Guedes de Almeida.

Miracema do Tocantins, TO

2024

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

C331t Carvalho, José Antônio Correia de.

A transferência na clínica da perversão: considerações sobre o lugar do analista. / José Antônio Correia de Carvalho. – Miracema, TO, 2024.

56 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus  
Universitário de Miracema - Curso de Psicologia, 2024.

Orientador: Ricardo Monteiro Guedes de Almeida

1. Perversão. 2. Transferência. 3. Lugar do analista. 4. Clínica Psicanalítica.  
I. Título

**CDD 150**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

JOSÉ ANTÔNIO CORREIA DE CARVALHO

A TRANSFERÊNCIA NA CLÍNICA DA PERVERSÃO:  
CONSIDERAÇÕES SOBRE O LUGAR DO ANALISTA

Monografia apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Miracema do Tocantins, Curso de Psicologia foi avaliado para obtenção do título de Bacharel em Psicologia e aprovado em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de Aprovação \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Banca Examinadora:

---

Dr. Ricardo Monteiro Guedes de Almeida, Orientador, UFT.

---

. Dra. Jamile Luz Moraes Monteiro, Examinadora, UFT.

---

Dr. Alessandro Melo Bacchini, Examinador, Centro Universitário FIBRA.

Dedico este trabalho aos meus pais: Wander e Ana Claudia. Que, durante longos anos de suas vidas, pegaram na enxada para que eu tivesse a chance de pegar na caneta com o sonho de um diploma. Minha história começa na de vocês...

## AGRADECIMENTOS

A Ana Claudia, minha mãe. A mulher com o sorriso mais lindo que já vi... meu coração fora de mim. Obrigado pela vida que tive e por me ensinar sobre o amor, se hoje tenho coragem para ir longe é porque tenho a certeza de um lar que me espera.

A Wander, meu pai. O homem que se sentou comigo e me ensinou sobre honestidade e sobre o mundo. Obrigado por acreditar em mim e me amar, a vida é mais fácil com o senhor.

A Verônica, minha irmã. A pessoa para quem me dedico a ser “porto seguro”. Obrigado por segurar minha mão e dizer que sou capaz.

A Oldaria, “Vovó Daira”. A mulher que aos 40 anos percebeu que tinha muito pela frente e concluiu uma graduação. Obrigado pelo cuidado e carinho, se consegui chegar até aqui foi pelo exemplo de pessoa que a senhora é.

A Valdemir, “Vovô Demi”. O homem que me ensinou o significado de família e de raízes. Obrigado por sempre me fazer sentir que tenho suporte e que não estou sozinho.

Ao meu orientador, Professor Doutor Ricardo Monteiro, que em meio a tantos “me perdi” teve paciência e dedicação para me ensinar a acreditar no que eu sei e, finalmente, me encontrar enquanto psicólogo.

A Doutora Juliana Biazze Feitosa, professora e psicóloga incrível que me ensinou a escrever, esse trabalho foi desenvolvido com as marcas que você deixou em minha vida.

A Emiliana, Sarah e Maria Amanda, minhas amigas. Pessoas que deixaram pegadas em meu caminho, fragmentos de afetos que aqui estarão sempre registrados. Obrigado por serem minha família na solidão da universidade.

Agradeço, também, aos girassóis, não os da praça, mas os que foram plantados em meu coração. Esse trabalho também é nosso, trabalhamos juntos desde o início.

E, finalmente, agradeço a mim. Obrigado por não desistir, e agradeço por conseguir ser quem é...

## RESUMO

A perversão apresenta uma série de desafios para a prática clínica, seja por suas características enquanto estrutura clínica, firmada a partir da denegação, ou pela ineficácia da neutralidade e da associação livre em seu tratamento analítico. Entende-se que essa pesquisa foi realizada em função da necessidade de recorrer à conceitos pós-freudianos, considerando a breve investigação de Freud sobre o tema da perversão, bem como a carência de estudos sobre a própria prática clínica com tal estrutura. Diante disso, procurou-se responder ao seguinte problema de pesquisa: Quais são as especificidades do manejo da transferência na clínica da perversão? Assim, buscando solucionar tal questão, o objetivo geral desta pesquisa foi investigar a transferência na clínica da perversão. Para tanto, adotou-se uma pesquisa de abordagem qualitativa, guiada a partir dos pressupostos da Pesquisa sobre Psicanálise, seguindo o método de revisão narrativa, com base em uma revisão da literatura científica existente em plataformas digitais como SciELO e PePsic, além de materiais impressos. Dessa forma, foram trabalhados pontos essenciais para a compreensão do tema, atravessando as teorizações de Freud e Lacan sobre o assunto “Perversão”, bem como trabalhando pontos fundamentais para uma prática clínica, como a transferência e o papel do analista no processo terapêutico. Com o avanço desta pesquisa, foi possível perceber que a clínica com perversos é atravessada por diversos aspectos e o que a torna possível é a presença do desejo do analista, desejo de ouvir e analisar, e o desafio na relação analítica, tanto para o analista quanto para o analisando.

**Palavras-chave:** Perversão. Transferência. Lugar do analista. Clínica psicanalítica.

## ABSTRACT

Perversion presents a series of challenges for clinical practice, whether due to its characteristics as a clinical structure, based on denial, or the ineffectiveness of neutrality and free association in its analytical treatment. It is understood that this research was carried out due to the need to resort to post-Freudian concepts, considering Freud's brief investigation into the subject of perversion, as well as the lack of studies on clinical practice with this structure. In view of this, we sought to answer the following research problem: What are the specificities of transference management in the perversion clinic? In order to solve this question, the general objective of this research was to investigate transference in the perversion clinic. To this end, a qualitative approach was adopted, guided by the assumptions of Research on Psychoanalysis, following the narrative review method, based on a review of existing scientific literature on digital platforms such as SciELO and PePsic, as well as printed materials. In this way, essential points for understanding the topic were worked on, going through Freud's and Lacan's theorizations on the subject of "Perversion", as well as working on fundamental points for clinical practice, such as transference and the role of the analyst in the therapeutic process. As this research progressed, it was possible to see that the clinic with perverts is crossed by various aspects and what makes it possible is the presence of the analyst's desire, the desire to listen and analyze, and the challenge in the analytical relationship, both for the analyst and the analysand.

**Keywords:** Perversion. Transference. Place of the analyst. Psychoanalytic clinic.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>JUSTIFICATIVA .....</b>	<b>12</b>
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA .....</b>	<b>13</b>
<b>4</b>	<b>PERVERSÃO E TRANSFERÊNCIA: UM RETORNO À FREUD .....</b>	<b>16</b>
<b>4.1</b>	<b>A perversão na obra de Freud (1905, 1919 e 1927) .....</b>	<b>16</b>
4.1.1	Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905) .....	16
4.1.2	Batem numa criança (1919) .....	18
4.1.3	O fetichismo (1927).....	20
<b>4.2</b>	<b>A transferência .....</b>	<b>21</b>
<b>4.3</b>	<b>O lugar do psicanalista.....</b>	<b>24</b>
<b>4.4</b>	<b>O perverso na clínica.....</b>	<b>26</b>
<b>5</b>	<b>PERVERSÃO EM LACAN: DA CASTRAÇÃO AO DESMENTIDO .....</b>	<b>28</b>
<b>6</b>	<b>TRANSFERÊNCIA NA PERVERSÃO: UMA CLÍNICA DO DESAFIO E DO DESEJO .....</b>	<b>38</b>
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>49</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>52</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A proposta de trabalhar com o tema da Perversão no âmbito clínico, enquanto estrutura, surgiu desde muito cedo durante a graduação, considerando que a primeira vez que ouvi falar sobre a “estrutura perversa” e o “sujeito perverso” e que a clínica psicanalítica poderia contribuir como um modo para o perverso atualizar sua perversão, por meio da transferência, e pouquíssimas vezes, quando questionei sobre o que fazer na clínica, como atuar ou como construir um processo analítico com àquele que foi estruturado como desmentido da castração, recebi uma resposta diferente do “trata-se de um tema complicado, que necessita de um maior aprofundamento”. Assim, o interesse de pesquisar sobre a “Clínica da Perversão” surgiu quando não se falava sobre tal, não com o aprofundamento presente nas demais estruturas, surgiu do “porque falamos tanto sobre a neurose e psicose e a perversão fica no âmbito do ‘trata-se de um assunto que exige maiores estudos’”. Assim, em concordância com Fink (2018), a proposta surgiu por compreender que a “perversão” não se trata de um “termo depreciativo, usado para estigmatizar pessoas por praticarem comportamentos sexuais diferentes da “norma” (p.170-171). Designa, antes, uma estrutura clínica altamente específica, com traços que a distinguem nitidamente da neurose e da psicose.” (p.170-171). Em síntese, surgiu da necessidade de iniciar o “famigerado” processo de aprofundamento sobre o tema.

Diante de tal, buscando apresentar os avanços de Freud quanto à teorização da Perversão, cabe assumir o método utilizado por alguns autores, como Martinho (2011) e Ferraz (2017), em que o percurso será dividido em três importantes momentos, acompanhados de três textos fundamentais da obra de Freud. O primeiro momento é marcado pelo axioma “a neurose é o negativo da perversão”, baseando-se no texto de 1905/2016 intitulado “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, em que Freud distingue de forma explícita a perversidade da perversão sexual presente em todo sujeito humano. Assumir que a perversão representa o negativo da neurose significa que, enquanto nas neuroses os desejos sexuais infantis são “recalcados”, na perversão são realizados (CASTRO, 2004). O segundo momento está estritamente relacionado com sua teoria sobre o Complexo de Édipo, a partir do artigo “Batem numa criança – Contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais”, de 1919. Por último, o terceiro momento gira em torno do trabalho intitulado “O Fetichismo”, de 1927.

Antes de realizar um aprofundamento teórico sobre os três pontos apresentados, é primordial recorrer, para além dos trabalhos de Freud, aos estudos de Ferraz (2017), visto que, para ser possível traçar uma caracterização da Perversão, é preciso compreender que o termo tem origem em palavras do latim, como: *Perversione* (FERRAZ, 2017), definido pelo ato ou

efeito de perverter-se, depravar ou desmoralizar; *Perversus* (GRANA, 1998), que seria contrário à justiça e/ou inclinado ao mal. Enquanto que o termo *perverto*, indicaria o ato de destruir as leis e profanar coisas ou cerimoniais sagrados. (GRANA, 1998, p.83).

Com isso, torna-se possível iniciar a compreensão de sua relação com a teorização de Freud que, no início dos estudos sobre perversão, seguiu uma conceituação utilizada pela sexologia da época, em que perversão seria um desvio sexual do considerado normal<sup>1</sup> (FREUD, 1905/2016). Desse modo, cabe destacar que o autor pautou suas teorizações a partir das descritas perversões sexuais do século XIX, sendo relevante apresentar que em certo momento de sua teorização surge o termo “Aberrações Sexuais”, tornando-o alvo de críticas por aproximar a psicanálise do moralismo e normatividade do século XIX (FERRAZ, 2017).

Além disso, é preciso ressaltar que Freud também incluiu, até certo nível de sua teoria, a homossexualidade como parte fundamental das denominadas “aberrações sexuais”, como um desvio no tocante ao objeto sexual (1905/2016). Para melhor compreensão, vale apresentar que o autor define, em “Três ensaios sobre a teoria da Sexualidade” (FREUD, 1905/2016), que objeto sexual é a pessoa da qual vem a atração sexual, e meta sexual a ação a qual o instinto<sup>2</sup> impele.” (p.21). Desse modo, resultaria “em grande surpresa, então, saber que existem homens para os quais o objeto sexual não é a mulher, mas o homem, e mulheres para as quais esse objeto não é o homem, mas a mulher. Tais pessoas são chamadas *Konträrsexuale*, ou melhor, invertidos” (p.21-22). Junto aos ditos invertidos, também foram incluídas, na categoria de desvios do objeto sexual, as pessoas sexualmente imaturas (crianças) e os animais.

No que se refere a uma meta sexual normal, considera-se a união dos genitais masculinos e femininos no ato denominado copulação. Porém, já em 1905/2016, Freud afirmou

---

<sup>1</sup>Nesse ponto, torna-se essencial discorrer sobre os processos de normalidade e “anormalidade”. Para isso, é essencial recorrer às teorizações de Georges Canguilhem (1943/2009) (filósofo francês contemporâneo, nascido em Castelnau, em 1904), apoiando-se nas contribuições de Coelho e Almeida-Filho (1999) onde afirmam que um objeto ou fato considerado normal é caracterizado como um ponto de partida para aqueles que ainda não foram classificados. Nesse sentido, Canguilhem (1943/2009) também apresenta uma ideia de que não seria a ausência de normalidade que constituiria o anormal, pois o patológico também seria normal, visto que a existência de um ser vivo inclui a existência de doenças. Desse modo, o anormal/patológico implicaria em uma forma de viver, considerando que não existiria vida sem a presença de normas de vida. Portanto, sob o olhar de Canguilhem (1943/2009) a norma seria sempre individual, não seria uma média e sim uma noção de limite que seria utilizada para definir a máxima capacidade de um ser, cada indivíduo teria sua própria concepção do que seria normal para si.

<sup>2</sup>A versão de “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (Freud, 1905/2016) utilizada para este trabalho foi produzida pela editora Companhia das Letras, onde justifica a utilização do termo instinto na seguinte nota: “No original, *Geschlechtstrieb*, formado de *Geschlecht*, “sexo”, e *Trieb*; note-se que este último termo, tão discutido na psicanálise, é aqui usado tanto para o ser humano como para os animais. Há quem recorra sistematicamente a “impulso” para traduzir *Trieb*, evitando “instinto” e “pulsão”; mas nesta coleção ele já é usado para *Regung*, *Drang*, *Impuls* e, às vezes, *Strebung*; apenas excepcionalmente o empregamos para *Trieb*.”. Assim, considerando que todas as referências de Freud utilizadas nesse trabalho pertencem a companhia das letras, será utilizado o termo instinto apenas quando necessário.

que desde os atos sexuais mais normais já existiam traços que levariam aos desvios, que são chamados de perversões.

Há certas relações intermediárias com o objeto sexual (que se acham no rumo da copulação), como tocar e olhar, que são reconhecidas como metas sexuais provisórias. [...] Essas atividades são, por um lado, acompanhadas elas próprias de prazer e, por outro lado, aumentam a excitação, que deve durar até a obtenção da meta sexual final. [...] Eis aqui elementos, então, que permitem relacionar as perversões à vida sexual normal e que podem ser utilizadas nas classificações delas. (FREUD, 1905/2016, p.40-41).

Dessa forma, as perversões seriam extensões anatômicas das áreas do corpo determinadas para a união sexual. Diante disso, também se caracteriza pelo permanecimento nas relações intermediárias com o objeto sexual, visto que essas relações intermediárias deveriam ser percorridas de forma rápida com o objetivo de alcançar a meta sexual final, que seria a copulação. (FREUD, 1905/2016)

Ademais, existe, nas obras de Freud, uma impressão que é produzida em situações onde o objeto sexual normal acaba sendo substituído por outro que guarda relação com ele, porém é conferido como inapropriado para servir ao objetivo da meta sexual normal. De tal modo, o autor atribui que o substituto para o objeto sexual comumente é uma parte do corpo que seria pouco apropriada para práticas sexuais, como os pés e os cabelos, ou por certo objeto inanimado que possui relação evidente com a pessoa sexual, ou com a sexualidade dela, como as roupas íntimas da mesma (1905/2016). Porém, o autor também afirma que,

O caso patológico surge apenas quando o anseio pelo fetiche vai além dessa precondição e se fixa, colocando-se no lugar da meta normal, e quanto o fetiche se desprende de determinada pessoa, tornando-se o único objeto sexual. São essas as precondições gerais para que simples variações do instinto sexual passem a aberrações patológicas (FREUD, 1905/2016, p.47).

Partindo das primeiras discursões acerca da perversão, surgiram diversos estudos que tomaram como ponto de partida as críticas feitas ao trabalho de Freud, como o de McDougall (1992) sobre a possibilidade de separar práticas sexuais idiossincráticas (denominadas neossexualidades) de práticas que anulam o outro de forma violenta (tendo como exemplo a pedofilia). Kernberg (1998) também criou estudos que afirmam uma diferença entre perversidades (práticas que podem ser classificadas como violentas) e perversão (enquanto estrutura da clínica), podendo existir casos de perversão com perversidades, da mesma forma que podem existir perversidades em outros casos, como nas neuroses.

Dito isso, tem-se o seguinte problema de pesquisa: “Quais são as especificidades do manejo da transferência na clínica da perversão?”. Assim, buscando solucionar tal questão, o objetivo geral desta pesquisa é investigar a transferência na clínica da perversão, enquanto que

os objetivos específicos foram traçados da seguinte maneira: conceituar a transferência na clínica da perversão; caracterizar a relação transferencial na clínica da perversão; descrever o lugar do analista na experiência clínica com perversos. Para tanto, este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, guiada a partir dos pressupostos da Pesquisa sobre Psicanálise, seguindo o método de revisão narrativa, com base em uma revisão da literatura já produzida.

## 2 JUSTIFICATIVA

Considerando a transferência e a posição do analista enquanto aspectos fundamentais para o fazer clínico, além de considerar as dificuldades em utilizar tais meios para o tratamento do sujeito perverso, considerando a breve discussão sobre as dificuldades de trabalhar com a perversão no setting terapêutico, consegue-se justificar a importância da presente proposta de pesquisa. Entende-se que o aprofundamento proposto nos objetivos desta pesquisa deve ser realizado em função da necessidade de recorrer à conceitos pós-freudianos, considerando a breve investigação de Freud sobre o tema da perversão, bem como a carência de estudos sobre a própria prática clínica com tal estrutura.

Diante disso, é imprescindível retornar aos estudos de Ferraz (2017), quando o mesmo afirma que o sintoma perverso, assim como o sintoma neurótico, psicótico, psicossomático ou psicopático, se constitui sempre a partir do que é possível ao sujeito em sua luta pela sobrevivência psíquica. O autor também destaca que existem pacientes que apresentam sintomas que podem ser considerados inacessíveis ao tratamento psicanalítico, podendo incluir a perversão.

Assim, para esse trabalho, considere que “há sempre algo a ser feito, como nos ensinaram os analistas que ousaram tratar dos pacientes ditos “difíceis” ou inacessíveis à análise. E esse posicionamento não decorre de um mero princípio de técnica, mas, antes, de uma posição ética”. (FERRAZ, 2017, p. 127)

### 3 METODOLOGIA

Para este estudo, cabe informar que se adotou o método da Pesquisa Teórica em Psicanálise. Partindo dos estudos de Lameira, Costa e Rodrigues (2017), é preciso refletir sobre os preconceitos que atravessam as pesquisas de caráter bibliográfico, afirmando que não são mais do que simples repetições. Pensando nisso, os autores recorrem a uma associação de que, voltando à Lacan (1969-70/1992), em que

lê o conceito Freudiano de gozo e observa que, no giro da repetição, o que há é uma perda de gozo, perda que impõe um algo a se recuperar e que ele chama, à luz da proposição de Marx sobre a mais-valia, mais-de-gozar. O mais-de-gozar é função da perda de gozo, perda a que o sujeito se encontra fadado por estar submetido às leis da linguagem. (LAMEIRA, COSTA, RODRIGUES, 2017, p.70).

Os autores propõem que, se uma repetição leva ao encontro de uma falta, já existe, de forma implícita, uma forte diferença entre repetir e apenas reproduzir. Diante disso, Lameira, Costa e Rodrigues (2017), entendem que repetir não se reduz a uma reprodução idêntica de algo já feito, e sim a abertura de uma série de possibilidades de retomada e reconstrução.

Com isso, ainda sobre os estudos de Lameira, Costa e Rodrigues (2017), é imprescindível apresentar a diferenciação entre “Pesquisa em Psicanálise” e “Pesquisa sobre Psicanálise”. A primeira é caracterizada quando alguém propõe um estudo sobre determinado conceito ou fenômeno, em que

O que se observa é a reconstrução desse mesmo caminho: os conceitos e ideias vão ganhando corpo com o próprio desenrolar da pesquisa, nesse continuum entre teoria e prática. Progressivamente e dialeticamente, o trabalho vai se tornando mais consistente, possibilitando uma maior coerência e solidez da pesquisa. (LAMEIRA, COSTA, RODRIGUES, 2017, p.76).

No mais, a última pode ser uma pesquisa que recorre a construtos ou métodos que não sejam psicanalíticos, com o objetivo de refletir sobre dados, fenômenos ou conceitos que se fazem presentes no campo da psicanálise. Para facilitar a compreensão, os autores apresentam o seguinte exemplo:

Pode ser proposta uma revisão sistemática sobre tudo que foi produzido no Brasil sobre o tema ‘angústia de castração’ nos últimos cinco anos. Essa pesquisa realizaria um levantamento bibliográfico e apresentaria o que foi encontrado, sendo um formato de pesquisa que, apenas por si mesmo, nada tem de psicanalítico. (LAMEIRA, COSTA, RODRIGUES, 2017, p.70).

Além disso, recorrendo aos trabalhos de Iribarry (2003) pode-se compreender que o método de Pesquisa Psicanalítica, diferente das estratégias de pesquisa que são sugeridas pelas abordagens quantitativas e qualitativas, segue uma direção bastante particular. Partindo dos

pressupostos do autor a pesquisa psicanalítica diferencia-se dos outros métodos a partir de dois pontos específicos, o primeiro é que não objetiva uma inferência generalizadora, visto que “seus resultados modificam a maneira como os pesquisadores da comunidade psicanalítica irão demarcar sua posição em relação aos novos sentidos produzidos pelo texto que torna a pesquisa pública” (IRIBARRY, 2003, p.117). Já o segundo ponto indica que as estratégias de análise que são adotadas para tal não trabalham com os signos, e sim com os significantes. É fundamental afirmar que o principal participante de uma pesquisa psicanalítica é justamente o próprio autor da pesquisa.

Portanto, é pertinente compreender que a pesquisa teórica tem um papel fundamental para a psicanálise, porém é preciso ter a concepção de que um trabalho teórico na perspectiva da psicanálise não deve ser confundido com o percurso teórico de outros métodos de pesquisa. Portanto, a teoria psicanalítica “em si mesma, dita os caminhos metodológicos que deve seguir” (LAMEIRA, COSTA, RODRIGUES, 2017, p.77). Dito isso, só é possível avançar com esse método a partir de elaborações prévias, que com o auxílio da repetição possibilita uma escrita singular a cada vez que se repete. Assim, essa pesquisa deve ser caracterizada como uma pesquisa sobre psicanálise, que adotará o método bibliográfico de revisão narrativa.

Além do já exposto, compreende-se por metodologia “um caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade” (MINAYO, 2001, p.16). Desse modo, o percurso metodológico, enquanto um conjunto de técnicas de pesquisa, deve dispor de um instrumento capaz auxiliar no processo de pesquisa e dar conta dos impasses teóricos que possam surgir para o desafio da prática. (MINAYO, 2001).

Isto posto, esse trabalho foi desenvolvido a partir de uma revisão de literatura, seguindo os pressupostos da Revisão Narrativa. Cabe apresentar que uma revisão de literatura, partindo dos estudos de Dorsa (2020), pode ser encarado como uma espécie de “fio condutor” (p. 681) para a produção de projetos de pesquisa, considerando que sua utilização busca estabelecer uma linha lógica de raciocínio que possa guiar a leitura dos pesquisadores auxiliando em uma evolução desde as premissas iniciais às conclusões finais. Assim, esse método pode contribuir para identificar, de acordo com Motta Roth e Hendges (2010), se há relações entre os materiais utilizados por meio de questionamentos quanto à existência de sobreposições, contrastes ou complementações das ideias apresentadas. Portanto, é crucial estabelecer relações entre os conteúdos apresentados em uma revisão de literatura, podendo ser por meio de ligações realizadas pelo autor que utiliza as obras citadas, além de obrigatoriamente ser necessário apresentar a contribuição que a pesquisa apresentada tem para o tema proposto. (MOTTA-ROTH e HENDGES, 2010).

Além disso, é essencial caracterizar a Revisão Narrativa, outro método de revisão bibliográfica. Partindo da diferenciação apresentada por Rother (2007), trabalhos que são produzidos a partir de revisão narrativa apresentam discussões mais amplas, com o objetivo de discutir o desenvolvimento de certa temática ou “o estado da arte” (p.1), a partir de uma investigação teórica ou conceitual. No mais, as pesquisas de revisão narrativa são investigações realizadas a partir de uma análise da literatura publicada até o momento da pesquisa, acompanhada de interpretações e análises críticas do próprio autor.

Outrossim, essa categoria de revisão possui uma abrangência capaz de proporcionar um processo de formação continuada que, de acordo com Rother (2007), permite ao leitor a possibilidade de ter uma educação continuada pois, “permitem ao leitor adquirir e atualizar o conhecimento sobre uma temática específica em curto espaço de tempo; porém não possuem metodologia que permitam a reprodução dos dados e nem fornecem respostas quantitativas para questões específicas” (ROTHER, 2007, p.1).

Dessa forma, deve-se dizer que uma revisão narrativa se trata de um método qualitativo. Minayo (2001) destaca que a pesquisa qualitativa toma como objeto de estudo os significados, motivos, aspirações, valores, crenças e atitudes que compõem as relações, atentando-se para que esses objetos não sejam reduzidos a variáveis quantificadas.

Nesse sentido, guiado pelos possíveis avanços dessa pesquisa, pensou-se em organizar os resultados a partir de três tópicos: 1. Perversão e Transferência: Um retorno à Freud. 2. Perversão em Lacan: Da castração do desmentido. 3. Transferência na perversão: Uma clínica do desafio e do desejo.

## 4 PERVERSÃO E TRANSFERÊNCIA: UM RETORNO À FREUD

A perversão apresenta uma série de desafios para a prática clínica, seja por suas características enquanto estrutura, firmada a partir da recusa da castração, ou pelos aspectos destacados por Coutinho *et al* (2004), como a ineficácia da neutralidade e da associação livre. Desse modo, os autores apresentam uma série de questionamentos baseados na seguinte pergunta: “O que o perverso quer do analista?”. Dessa forma, em seguida, são trabalhados pontos essenciais para a compreensão do tema, inicialmente atravessando as teorizações de Freud sobre o assunto “Perversão”, para então trabalhar pontos fundamentais para uma prática clínica, como a transferência e o papel do analista no processo terapêutico e, para encerrar o primeiro momento, a abertura para se trabalhar com uma possível clínica da perversão.

### 4.1 A perversão na obra de Freud (1905, 1919 e 1927)

#### 4.1.1 Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905)

Para o primeiro ponto da teorização acerca da perversão, é importante ressaltar a afirmação de que toda criança é perverso-polimorfa, em que as partes da sexualidade pré-genital coexistem entre si, enquanto que na fase da puberdade surge a sexualidade normal por meio da corrente genital da libido (FERRAZ, 2017). Para que seja possível compreender essa afirmação, é necessário recorrer aos estudos de Freud (1905/2016) sobre a sexualidade infantil, onde aponta que o recém-nascido traz consigo impulsos sexuais, que continuam a se desenvolver por determinado período, mas que não resistem a uma supressão desses impulsos, essa que pode ser interrompida por verdadeiros acessos de desenvolvimento sexual, mas também detida por peculiaridades individuais. O autor afirma que os impulsos sexuais da infância não cessam durante o período de supressão, também chamado de latência, considerando que sua energia é desviada da atividade sexual e dirigida para outros objetivos, sendo esse desvio, de uma meta para outra, chamado de sublimação. Assim

Os impulsos sexuais desses anos de infância seriam, por um lado, inutilizáveis, já que as funções reprodutivas estão adiadas (o que constitui a principal característica do período de latência); por outro lado, seriam perversos em si, partindo de zonas erógenas e sendo carregados por instintos que, dada a orientação do desenvolvimento individual, só poderiam provocar sensações desprazerosas. (FREUD 1905/2016, p.81)

Com isso, a meta sexual do instinto infantil consiste em gerar satisfação através de estímulos apropriados da zona erógena escolhida de uma forma ou de outra. A diferenciação

entre uma zona e outra está no procedimento necessário para a satisfação, podendo ser por meio da sucção, tratando-se da zona labial ou por outras ações musculares, a se tratar da zona anal. (FREUD, 1905/2016). Nessa perspectiva, a criança carrega consigo a característica perverso polimorfa quando o período de latência é interrompido, para esse caso principalmente por influência de uma sedução, e ser induzida a todas as extensões anatômicas possíveis (com os lábios, o ânus ou outras partes do corpo) - é preciso lembrar que nesse momento Freud ainda não havia teorizado sobre a teoria da fantasia. Isso mostra que ela é constitucionalmente apta para isso; a realização encontra poucas resistências, porque as barragens psíquicas para extensões sexuais – vergonha, nojo e moral – ainda não foram erguidas ou se acham em construção, segundo a idade da criança. (FREUD, 1905/2016, p.98). Além disso, em condições favoráveis a criança poderá manter-se sexualmente normal, porém com a sedução a mesma poderá se apropriar de todas as perversões e as conservará em suas atividades sexuais. (FREUD, 1905/2016). Cabe ainda explicitar que a sexualidade normal seria a primazia da genitalidade (FERRAZ, 2017)

Para mais, é imprescindível compreender que as organizações ditas pré-genitais são aquelas organizações da vida sexual em que as zonas genitais ainda não assumiram o caráter predominante na sexualidade dos sujeitos. Diante disso, Freud (1905/2016) afirma que a primeira das fases pré-genitais é a oral, onde a prática sexual ainda não se desprende da ingestão de alimentos, ou seja, correntes opostas ainda não estão diferenciadas. Já a segunda fase é a sádico-anal, onde os opostos já são diferenciados. No período da puberdade o sujeito deve renunciar aos objetos e fases infantis para então “começar de novo como corrente sensual” (FREUD, 1905/2016, p.111), portanto

O instinto sexual, que era predominantemente autoerótico, encontra agora um objeto sexual. Ele operava a partir de diferentes instintos e zonas erógenas, que buscavam, cada qual de forma independente, determinado prazer como única meta sexual. Agora ele recebe uma nova meta sexual e todos os instintos parciais cooperam para alcançá-la, enquanto as zonas erógenas se subordinam ao primado da zona sexual. (FREUD, 1905/2016.112)

Então, ocorreria um processo em que todas partes da sexualidade pré-genital, através de estimulações apropriadas, serviriam para um aumento da tensão que, por sua vez, deve providenciar a energia necessária para o ato sexual final, atuariam como uma forma de prazer preliminar. Dessa forma, as partes da sexualidade pré-genitais serviram como um preparatório para o coito normal, ou seja, sexo genital (FERRAZ, 2017).

Então, seguindo as conclusões de Ferraz (2017) sobre a formação das perversões, compreende-se que seria o resultado de uma fixação infantil num estágio pré-genital da organização libidinal do indivíduo, pois

O mecanismo de que faz parte o prazer preliminar resulta, evidentemente, num perigo para a obtenção da meta sexual normal, perigo esse que surge quando, em algum ponto dos processos sexuais preparatórios, o prazer preliminar se torna muito grande e o elemento de tensão, muito pequeno. Então desaparece a força motriz para dar continuidade ao processo sexual, todo o caminho é abreviado, a ação preparatória toma lugar da meta sexual normal. (FREUD, 1905/2016, p.127)

Em outras palavras, a perversão surge quando o orgasmo é obtido por meio de outros objetos sexuais; zonas sexuais, como o ânus e a boca; ou por condições extrínsecas, como o exibicionismo e o fetichismo. Dessa forma, seria a impossibilidade da corrente genital de se impor perante as demais, em razão da fixação que ocorreu na infância, fazendo com que uma corrente pré-genital organizasse a vida sexual do indivíduo (FERRAZ, 2017). Em síntese, a perversão seria a manutenção da sexualidade infantil perverso-polimorfa na vida adulta, tendo como diferença o fato de que na criança não existe algo central, enquanto que no adulto a sexualidade está cristalizada com o eixo pré-genital guiando a vida sexual. Com isso, Ferraz (2017) afirma que a única diferença da sexualidade perversa para a normal (sexualidade genital como centro do orgasmo) é a forma de obtenção do orgasmo, pois tanto a sexualidade perversa como a normal surgiram a partir da sexualidade infantil, dado que, para Freud (1905/2016) “não apenas os desvios da vida sexual normal, também sua configuração normal é determinada pelas manifestações infantis da sexualidade” (FREUD, 1905/2016, p.129).

#### 4.1.2 Batem numa criança (1919)

No que se refere ao segundo momento da Teorização de Freud sobre a perversão, marcado pelo Complexo de Édipo, é essencial recorrer à sua obra de 1919, intitulada “Batem numa criança: Contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais”. Nessa publicação, Freud afirmou que, na infância, um dos componentes da função sexual teria se adiantado em relação aos outros em seu período de desenvolvimento, tornando-se prematuramente autônomo, conseqüentemente passando por um processo de fixação (FREUD, 1919/2010). Para além disso, esse componente fixado acabaria por escapar dos processos de desenvolvimento posteriores ao período em que se adiantou, “dando prova de uma continuação especial, anormal, da pessoa” (FREUD, 1919/2010, p. 297).

Freud (1919/2010) também aponta que, apesar do descrito no parágrafo anterior, uma perversão infantil não está fadada a permanecer por toda vida, podendo, em algum momento, sucumbir depois à repressão<sup>3</sup>, acabar substituída por uma formação reativa ou ser transformada pelo processo de sublimação, porém

Quando esses processos não ocorrem, porém, a perversão se conserva durante a vida madura, e ao depararmos com uma aberração sexual do adulto – perversão, fetichismo, inversão –, podemos justificadamente esperar que uma anamnese descubra um tal evento fixador na época da infância. (FREUD, 1919/2010, p.298).

Dessa maneira, Freud (1919/2010) apresentou em sua obra que uma impressão fixadora não necessariamente teria uma força traumática, podendo muitas vezes serem banais e até desinteressantes para outras pessoas, sendo impossível afirmar que o impulso sexual acabava por fixar-se junto a essas impressões. Todavia, sua importância estaria no fato de terem proporcionado o ensejo para a adesão prematura do componente sexual. Com isso, Ferraz (2017) afirma que na perversão um dos componentes da sexualidade teria se desenvolvido de forma prematura, passando à frente dos outros e gerando uma fixação da libido, sendo conservado em sua forma infantil. Portanto

A perversão já não se acha isolada na vida sexual da criança, mas é admitida no contexto dos típicos - para não dizer normais – processos de desenvolvimento que conhecemos. É posta em relação ao amor objetal incestuoso da criança, com o seu complexo de Édipo, surge primeiro no solo desse complexo e, depois se desmorona, resta sozinha frequentemente como herdeira de sua carga libidinal e agravada pela consciente de culpa que a ele se ligava. A constituição sexual anormal demonstra enfim a sua força, empurrando o complexo de Édipo numa direção particular e obrigando-o a tornar-se um incomum resíduo. (FREUD, 1919/2010, p.312).

Assim, a perversão herda a carga libidinal que existia no complexo de Édipo, visto que para Freud as fantasias sexuais são a base de todas as experiências sexuais. De tal modo, justifica-se essa afirmação a partir do dito por Freud (1919/2010), em que a sexualidade infantil, submetida o recalque, torna-se a principal força motriz na formação de sintomas, e a parte fundamental de seu conteúdo, o Complexo de Édipo, ser o complexo nuclear das neuroses. Em síntese, “aberrações sexuais da criança, assim como as do adulto, derivam do mesmo complexo” (FREUD, 1919/2010, p. 327).

---

<sup>3</sup>O texto “Batem numa criança” (Freud, 1919/2010) apresenta nas considerações sobre a edição (também produzida pela companhia das letras) apresenta uma breve explicação sobre os termos utilizados na obra, sendo que “Ao Ler essas traduções, apenas precisarão fazer o pequeno esforço de substituir mentalmente “instinto” por “pulsão”, “instintual” por “pulsional”, “repressão” por “recalque”, ou “Eu” por “ego”, exemplificando.” (p.12)

Ademais, deve-se acrescentar que já em 1919, Freud apresentou indícios do que, possivelmente, seriam pontos cruciais para uma clínica da Perversão, afirmando que “perversos satisfeitos raramente tem motivos para procurar análise” (p. 318).

#### 4.1.3 O fetichismo (1927)

Em seguida, deve-se discorrer sobre o terceiro momento da Perversão na obra de Freud, caracterizado pela teorização sobre o mecanismo da recusa existente na perversão, sendo que, para facilitar a compreensão, é preciso abordar o conteúdo presente na obra “O Fetichismo” (FREUD, 1927/2014). Em seu trabalho, Freud afirma que o fetiche surge como um substitutivo do pênis, destinado essencialmente ao pênis da mulher (a mãe) que o menino acreditou existir, considerando que o objetivo do fetiche é justamente o de preservá-lo. Com isso, é preciso retornar ao conceito de castração na perversão, sendo uma ameaça a crença de uma universalidade do pênis em todos os sujeitos.

Sucedeu, então, que o menino se recusou a tomar conhecimento de um dado de sua percepção, o de que a mulher não possui pênis. Não, isso não pode ser verdade, pois se a mulher é castrada, o seu próprio pênis corre perigo, e contra isto se rebela a porção de narcisismo de que a natureza, por cautela, dotou precisamente esse órgão. (FREUD, 1927/2014, p.304)

Portanto, diante da ameaça desse pensamento, o sujeito realiza uma forte ação energética como tentativa de contrapor-se a isso, gerando o mecanismo da recusa, que mantém a percepção de presença do pênis (FREUD, 1927/2014). Assim, a percepção de existência do pênis continua, porém por meio de um deslocamento inconsciente para outro objeto, sendo esse objeto o Fetiche.

Ademais, o Fetiche é uma presença que substitui a ausência, realizando de forma inconsciente um compromisso entre a percepção indesejada e o desejo contrário, onde a mulher continua tendo o pênis, porém não é o mesmo pênis de antes, existe outra coisa no lugar (FREUD, 1927/2014). Desse modo, Freud (1927/2014) afirma que o novo objeto recebe o interesse que antes era dirigido ao original, porém com um grande acréscimo, pois o horror perante a castração nomeou um objeto percebido como monumental. Assim, o fetiche pode ser encarado como um triunfo perante a ameaça de castração, se estabelecendo de forma permanente na vida do sujeito, fazendo com que essa seja uma condição fundamental para a obtenção do gozo, sendo percebido como um objeto (normalmente a última impressão antes do que foi traumático, tendo como exemplo as roupas íntimas da mulher ou os pés), além de também receber uma carga valorativa que deveria ser destinada a genital. (FREUD, 1927/2014).

Vale ainda ressaltar um fenômeno teorizado por Freud em “O Fetichismo”, em que, “em casos bem refinados, o próprio fetiche acolheu, na sua construção, tanto a recusa quanto a afirmação da castração” (FREUD, 1927/2014, p.309). Posteriormente esse processo foi nomeado como Clivagem do Ego. Enquanto que na Psicose a maior parte do ego se desliga da realidade, mesmo que uma pequena parte mantenha algum vínculo com ela, na perversão ocorre a existência de duas atitudes diferentes em relação a castração, uma que sabe de sua existência e outra que a nega durante toda a vida, processo que gera uma divisão no ego já que uma parte se ajusta de acordo com o desejo e a outra de acordo com a realidade.

Não basta sublinhar que ele venera o fetiche; em muitos casos ele o trata de um modo que claramente equivale a uma representação da castração. [...] A ternura e a hostilidade no tratamento do fetiche, que corresponde à recusa e ao reconhecimento da castração, misturam-se desigualmente em casos diversos, de maneira que ora uma, ora outra é mais facilmente reconhecível (FREUD, 1927/2014, p.309)

Assim, existem dois registros diferentes e contraditórios, gerando sentimentos de ternura e hostilidade equivalentes a essa recusa e reconhecimento de sua castração, esses sentimentos agem de forma desigual no psiquismo do sujeito, ou seja, em determinado momento um pode ser mais perceptível em relação ao outro.

## 4.2 A transferência

Nesse momento, é fundamental discorrer sobre um dos principais fatores que interferem no tratamento baseado na psicanálise, definido por Freud como Transferência. Porém, diferente do primeiro tópico deste trabalho, o objetivo aqui não é o de traçar um percurso acerca da teorização de Freud sobre o termo apresentado, tão pouco realizar uma longa investigação sobre as modificações que perpassam pelo mesmo, e sim realizar uma apresentação do impacto que os aspectos transferenciais exercem no processo de análise.

Freud (1912/2010a) apresenta que

[...] todo ser humano, pela ação conjunta de sua disposição inata e de influências experimentadas na infância, adquire um certo modo característico de conduzir sua vida amorosa, isto é, as condições que estabelecer para o amor, os instintos que satisfaz então, os objetivos que se coloca (p. 134)

Essas condições resultariam em um comportamento que se repete ao longo da vida, na medida em que fatores externos e naturais proporcionam as condições para essa repetição. Freud (1912/2010a) afirma que somente uma parte dos impulsos que determinam o funcionamento da vida amorosa é capaz de se adaptar ao desenvolvimento psíquico, parte que

está dirigida à realidade, estando à disposição da personalidade consciente, enquanto que a outra parte não se desenvolve em seu curso normal, estando separada tanto da consciência quanto da realidade, estando presa no inconsciente, capaz de se desenvolver apenas no âmbito da fantasia. Desse modo,

Aquele cuja necessidade de amor não é completamente satisfeita pela realidade se voltará para toda pessoa nova com expectativas libidinais e é bem provável que as duas porções de sua libido, tanto a capaz de consciência quanto a inconsciente, tenham participação nessa atitude. (FREUD, 1912/2010a, p.136)

Considerando o excerto acima, deve-se compreender que, baseando nas teorizações de Freud (1912/2010a), o investimento libidinal insatisfeito, também seja direcionado ao psicanalista. Portanto, “tal investimento se apegará a modelos, se ligará a um dos clichês presentes no indivíduo em questão, ou, como podemos também dizer, ele incluirá o médico numa das “séries” que o doente formou até então” (p.136).

Outrossim, Santos (1994) compreende que quando o paciente demonstra grande interesse por tudo que esteja relacionado à figura do analista, podendo atribuir maior importância a assuntos relacionados a ele do que por suas próprias questões, “[...] parece se desviar de sua própria doença. Estamos, então, diante uma relação transferencial”. (SANTOS, 1994, p.18). Tendo compreendido brevemente o desenvolvimento da relação transferencial, é de suma importância recorrer ao proposto por Santos (1994), quando afirma que a transferência é uma relação muito especial e que sustenta o trabalho de análise, visto que a garantia de uma relação analítica efetiva depende não apenas dos dispositivos proporcionado pelo *setting*, e sim pela posição simbólica desempenhada pelo analista no percurso da análise.

Outro ponto que deve ser apresentado, é a existência de outras duas relações transferenciais, sendo a transferência erótica e a negativa. Para isso, é preciso apoiar-se na teorização de Freud (1917/2014), quando o mesmo afirma que

Em primeiro lugar, deixemos claro que a transferência surge no paciente desde o início do tratamento, e que, por algum tempo, representa a mola propulsora do trabalho. Enquanto atua em favor da análise empreendida em conjunto, nós não a percebemos nem necessitamos nos preocupar com ela. Se, todavia, a transferência se transforma em resistência, somos obrigados a atentar para ela, e vemos que em duas conduções diferentes e opostas sua relação com o tratamento se modificou. A primeira quando, na qualidade de terna inclinação, a transferência se torna tão forte, indica tão claramente sua procedência do âmbito da necessidade sexual, que só pode provocar uma resistência interna contra si; a segunda, quando consiste de impulsos hostis, em vez de afetuosa. (FREUD, 1917/2014, p. 586-587)

Em síntese, compreende-se que, apoiando-se nos estudos de Pinheiro (2014), o tratamento guiado pela psicanálise não cria as relações transferenciais, trabalhando somente por meio da identificação de tais relações, considerando que a transferência é algo inerente a

quaisquer relações entre pessoas. No âmbito da análise, cabe ao psicanalista pontuar as características de uma transferência, considerando essa como uma aliada essencial ao tratamento. Além do mais, Pinheiro (2014) aponta a influência positiva da relação transferencial, desde que manejada de forma adequada por aquele que pratica a psicanálise, destacando a necessidade de uma conduta ética a partir desse.

Diante disso, é preciso destacar o apontamento realizado por Pinheiro (2014), baseado nos estudos de Freud, quanto ao posicionamento ético do psicanalista perante uma situação de amor transferencial, teorizado anteriormente, “que jamais deve ser levado a termo como uma demanda endereçada à figura do médico e sim como um fruto da relação analítica que deverá ser manejada para que o tratamento alcance seu objetivo” (p.26).

Outro ponto apresentado por Freud, como sendo de extrema importância para o tratamento analítico é o papel da repetição durante o tratamento, bem como sua relação com a transferência. Desse modo, Freud (1914/2010) afirma que o analisando não se lembra do esquecido, ele apenas o atua, considerando que o esquecimento de impressões, cenas e certas vivências pode ser reconhecido como uma espécie de bloqueio, o que leva o paciente a não reproduzir esses elementos como lembrança, mas sim como ato, por meio de uma repetição realizada sem que o mesmo tenha conhecimento de tal feito.

Partindo desse pressuposto, nota-se que “a transferência mesma é somente uma parcela de repetição, e que a repetição é transferência do passado esquecido, [transferência] não só para o médico, mas para todos os âmbitos da situação presente” (FREUD, 1914/2010, p. 201). Diante disso, o analisando inicia uma compulsão em repetir, que surge como um substituto para o impulso de recordação, ou seja, quanto maior a resistência, maior será a substituição do recordar pelo repetir. Desse modo, Freud (1914/2010) afirma que

Se a terapia começa sob os auspícios de uma suave e discretamente positiva transferência, ela permite inicialmente, como na hipnose, um aprofundar da recordação, durante o qual mesmo os sintomas patológicos silenciam; mas se no decurso posterior a transferência se torna hostil ou muito intensa, por isso necessitando de repressão, imediatamente o recordar cede lugar à atuação. A partir de então as resistências determinam a sequência do que será repetido (FREUD, 1914/2010, p.201-202)

Considerando o exposto por Freud (1914/2010), vale apresentar que o principal meio de trabalhar com a compulsão de repetição do paciente e transformá-la em recordação é justamente por meio do manejo da relação transferencial. Esse manejo ocorre, em síntese, por meio de uma relação (transferência) onde a repetição possa se manifestar de forma livre, e então, quando o paciente se apresenta como solícito para a análise, trabalhar em um novo

significado para os sintomas apresentados, substituindo a neurose original por uma neurose de transferência, que permite a cura pela psicanálise.

[...] a transferência cria uma zona intermediária entre a doença e a vida, através da qual se efetua a transição de uma parte para a outra. O novo estado assumiu todas as características da doença, mas representa uma enfermidade artificial, em toda parte acessível à nossa interferência. Ao mesmo tempo é uma parcela da vida real, tornada possível por condições particularmente favoráveis, porém, e tendo uma natureza provisória. Das reações de repetição que surgem na transferência, os caminhos já conhecidos levam ao despertar das recordações, que após a superação das resistências se apresentam sem dificuldade (FREUD, 1914/2010, p.206-207)

Nesse momento, é essencial compreender que apenas o fato de identificar as resistências e nomeá-las não resulta em um cessar imediato dos sintomas, é preciso dar tempo ao analisando para que o mesmo possa iniciar o processo de elaboração e, só então, superação. Portanto, cabe ao analista prosseguir com o trabalho apesar dos empecilhos da resistência, sendo um trabalho que não deve ser evitado nem acelerado, sendo a parte do tratamento que gera maior efeito no paciente (FREUD, 1914/2010).

### **4.3 O lugar do psicanalista**

Doravante, tendo apresentado a bibliografia base para a compreensão da Perversão enquanto uma estrutura clínica para a Psicanálise, bem como a teorização acerca da transferência e sua importância para o tratamento clínico, torna-se de suma importância complementar os aspectos essenciais para o tratamento de base psicanalítica a partir do lugar/posição que o psicanalista deve assumir no setting terapêutico. Dito isso, é preciso recorrer aos estudos de Petry (2008) ao reconhecer que a ênfase na transferência e na ação do inconsciente do analista sempre limitou a importância da técnica psicanalítica. Além disso, “a técnica psicanalítica pode ser difícil de definir em função da ação do inconsciente do analista e da transferência, mas a posição do analista pode, a princípio, parecer claramente definida em função da radicalidade da escuta analítica” (p.210).

Diante do exposto, cabe retornar às teorizações de Freud (1912/2010b), quando o mesmo recomenda que aqueles que praticam a psicanálise tomem o cirurgião como modelo de atuação, sendo capaz de deixar de lado seus afetos e compaixão, além de colocar-se em posição de utilizar, para fins de interpretação, tudo o que é dito pelo paciente, “sem substituir sua própria censura a seleção a que o doente renunciou” (p.156). Além disso, Freud (1912/2010b) realça a importância, enquanto psicanalista, do médico ser capaz de utilizar seu inconsciente como

instrumento de tratamento, visto que para isso é necessário satisfazer em grande medida suas próprias condições psicológicas.

Ele não pode tolerar, em si mesmo, resistências que afastam de sua consciência o que foi percebido por seu inconsciente; senão introduzi-la na análise um novo tipo de seleção e distorção, bem mais prejudicial do que a produzida pelo recurso à atenção consciente. Para isso não basta que ele próprio seja um indivíduo aproximadamente normal; pode-se exigir que ele tenha se submetido a uma purificação psicanalítica e tenha tomado conhecimento daqueles seus complexos que seriam capazes de perturbar a apreensão do que é oferecido pelo analisando (FREUD, 1912/2010b, p.156-157)

Posto isso, Petry (2008) salienta a importância de o próprio analista passar por um processo de análise pessoal, pois o trabalhar com o inconsciente relaciona-se com uma regra amplamente conhecida pela comunidade psicanalítica de que, assim como paciente deve, em análise, assumir a associação livre, o analista também deve assumir a atenção flutuante, “pois de nada adiantaria se o paciente buscar não selecionar o que vai dizer se o analista vai escolher o que escutar” (p.213).

Cottet (1989), trabalhou o fato de que a descoberta de Freud acerca do recalque e de seus efeitos seriam incapazes de manter o psicanalista em sua posição de neutralidade, considerando que seu objetivo é, justamente, a suspensão do recalque. Assim, a posição de neutralidade do analista seria a de não tomar partido de algum dos termos do inconsciente em relação a outro. Para melhor compreensão de tal neutralidade Prado, Anjos e Estevão (2021) acrescentam que seria uma forma de apagamento da subjetividade do analista, visando que o inconsciente do analisando seja o único a se manifestar durante o tratamento. Os autores ainda acrescentam que

A neutralidade, tal como proposta por Freud, diz respeito a uma posição ética e, por isso, não deve ser pensada em equivalência a uma neutralização do corpo do analista, como, por exemplo, a ideia de que este não deve falar, sorrir, deve sempre vestir roupas parecidas e com cores neutras etc. Nos fica claro que se faz necessário estar advertido de que sua dimensão e expressão corporal estão incluídas tanto no cálculo para manejo transferencial, quanto ao ser tomado como depositário da transferência. (PRADO, ANJOS E ESTEVÃO, 2021, p.22)

Buscando guiar nossa discussão para o objetivo proposto no presente trabalho, é preciso refletir acerca da posição ética do analista, por meio de um questionamento realizado por Landi e Chatelard (2015), sobre a existência de modos distintos de o analista de se posicionar, considerando as particularidades dos sujeitos que procuram o tratamento psicanalítico. Entende-se, em concordância com as autoras, que a direção da análise é guiada pelo analista, por meio da delimitação do espaço e tempo das sessões como limites para a experiência da associação livre. Porém, Landi e Chatelard (2015), afirmam que se deve considerar aqueles sujeitos que funcionam de modo intempestivo, depressivo ou que apresentem sintomas

somáticos, e que pode “ser necessário rever as táticas usuais da análise, tais como o uso do divã. Cabe ao analista a liberdade tática de escolher suas intervenções, desde que estas estejam a serviço da associação livre, estratégia proposta por Freud para acontecer uma análise” (p.156)

Diante disso, é possível avançar para uma síntese realizada por Telles (1996), onde afirma que o papel central do analista é o de interpretar e construir, ressaltando que a interpretação é tida por todos como fundamento da terapia de base psicanalítica, vista como uma técnica em que

[...] a partir do que o analisando nos comunicou, dar-lhe uma explicação de algo que ele desconhece a respeito de si mesmo, proporcionando-lhe, assim, um alargamento da compreensão de seu próprio psiquismo, um aumento de seu autoconhecimento. Interpretar é dar uma nova conexão de significados, é estabelecer novas e insuspeitas correlações, é evidenciar o sentido latente existente nas palavras e no comportamento manifestos de uma pessoa (TELLES, 1996, p.2).

#### 4.4 O perverso na clínica

Por último, mas não menos importante, é imprescindível refletir sobre as práticas clínicas da psicanálise no que tange os sujeitos que se estruturam de acordo com a estrutura perversa. Seguindo os estudos de Coutinho *et al* (2004), compreende-se que os sujeitos perversos, em sua maioria, não apresentam demanda de análise, considerando que a questão desse é o gozo. Diante disso, entende-se que o perverso sabe o que fazer, que não se interroga quanto à realização de seu ato, além de ser caracterizado pela constante repetição. Portanto, “quando a relação com o gozar é perturbada [...], a ruptura da montagem perversa desestabiliza o sujeito possibilitando o surgimento da angústia, da loucura ou da depressão”.

Ademais, Coutinho *et al* (2004) possibilita a percepção de que em qualquer demanda apresentada pelo sujeito perverso a relação transferencial será sabotada no que se refere ao seu papel no trabalho de interpretação. Assim, os autores afirmam que o sujeito perverso acabará por estabelecer uma relação estéril com o analista, relação que o analisando utilizará para obter certo ganho que auxilie na manutenção de seu lugar de controle. Desse modo,

[...] as regras da associação livre e da neutralidade revelam-se inúteis para o trabalho analítico; a primeira por ser sistematicamente desrespeitada pelo analisando e substituída pelo relato compulsivo e inflexível de suas ‘encen-ações reais’, e a segunda por instalar o analista exatamente o lugar de ouvinte passivo e de cúmplice que o perverso lhe aponta e manobra para mantê-lo. Assim, o perverso desafia o psicanalista em sua práxis e em sua ética, reeditando no real de suas ‘encen-ações’ a recusa à castração que a análise ameaça impor-lhe pela via do simbólico (COUTINHO *et al*, 2004, p.21)

Vale salientar que a recusa da castração é realizada a partir de um grande investimento psíquico. Coutinho *et al* (2004) afirma que essa recusa acaba por, em algum momento, se deparando com a real “inexorabilidade do tempo” (p. 21), marcada pela decadência física e falibilidade do corpo, corpo esse que é utilizado excessivamente para a compulsiva busca pelo gozo. De tal forma, o sujeito perverso acaba por se confrontar com “o horror inconsciente de não poder depender delas indefinidamente para escapar da angústia, da loucura e da melancolia, que a perversão manteve afastadas até então” (COUTINHO *et al*, 2004).

Desse modo, considerando os aspectos apresentados, e em acordo com as teorizações de Coutinho *et al* (2004), os limites para o gozo perverso são exatamente a possível fenda capaz de abalar as defesas dessa estrutura, por meio de uma possibilidade de subjetivação e de uma possível demanda de análise.

Ademais, é de suma importância recorrer aos trabalhos de Castro (2004), em que afirma, do ponto de vista teórico e prático, que “não se trata de uma tarefa fácil recebê-los na clínica, quando a transferência que se estabelece é da ordem da transgressão e do ultraje” (p. 83), além de destacar a dificuldade do analista em permanecer em sua função, considerando que muitas vezes o psicanalista pode se encontrar encurralado entre o método de associação livre, descrito por Freud, e a escuta de um discurso violador. Além disso, a autora apresenta o seguinte questionamento: “Como encontrar o limite entre a suspensão da censura e do juízo de valores, e a posição de cúmplice do paciente?” (p. 83)

## 5 PERVERSÃO EM LACAN: DA CASTRAÇÃO AO DESMENTIDO

Buscando o aprofundamento no que tange às questões apresentadas no primeiro momento deste trabalho, tendo justificado a importância de se abordar o tema da Perversão para além de apenas um negativo da Neurose, buscou-se utilizar os conceitos já apresentados a partir da leitura de autores pós-freudianos, essencialmente aqueles que seguem os ensinamentos de Jacques Lacan. Assim, de acordo com Baratto (2016), torna-se possível traçar um percurso entre os momentos em que a perversão é reconhecida como um conjunto de fenômenos até o momento em que é considerada como um discurso de uma estrutura. Para isso, neste primeiro tópico, serão utilizados autores como Quinet (2009), Fink (2018), Lacan (1956-1957 [1955], 1963 [1998] ), Martinho (2011) e Castro (2004), além de outros trabalhos que tenham como base a psicanálise lacaniana.

A priori, para melhor compreensão das informações que serão apresentadas nesse tópico, é essencial dizer, para fins didáticos, que, em acordo com Quinet (2009), existe uma bipartição nos ensinamentos de Lacan que permitem identificar dois campos definidos, assim como Freud dividiu seus ensinamentos em primeira e segunda tópica. Portanto, Lacan define o campo da Linguagem (que corresponde aos anos 50) e o campo do Gozo, batizado por Lacan como o Campo Lacaniano (que corresponde aos anos 70), enquanto que entre esses momentos ele desenvolveu o conceito de objeto *a*. Assim, é essencial considerar que

Essa bipartição do ensino de Lacan em dois campos não significa que eles se excluam. Da mesma forma que a segunda tópica freudiana não exclui a primeira, o campo do gozo e a clínica que dele deriva não exclui o campo da linguagem, mas o inclui. Assim como o âmbito do para além do princípio do prazer não exclui o inconsciente e a metapsicologia, o campo do gozo com a teoria dos discursos e a nova concepção do *sinthoma* não exclui o campo da linguagem com suas leis e a referência ao Nome-do-Pai (QUINET, 2009, p. 24).

Cabe acrescentar a importância de utilizar tal explicação. Para esse momento, voltado para a compreensão da Perversão enquanto estrutura clínica da subjetividade, é fundamental retornar ao campo da linguagem, definido por Lacan, para discutir sobre o Complexo de Édipo, bem como sua relação com o Nome-do-Pai e a castração. Assim, esses conceitos têm como objetivo servir de apoio para a teorização da denegação (ou desmentido), sendo o modo de funcionamento da estrutura perversa. Para isso, torna-se fundamental recorrer aos estudos de Fink (2018), que apresenta uma explicação acerca da perversão partindo das leis e do Nome-do-Pai.

Enquanto que, partindo de um caráter complementar, pode-se utilizar o trabalho de Castro (2004), para auxiliar na teorização deste tópico, por meio da explicação de conceitos

como; falo, pai simbólico, grande Outro, e o conceito de gozo (sem que seja necessário avançar para a teorização do Campo do Gozo). Assim, realizando um retorno à Lacan (1956-1957 [1995]) a partir de Castro (2004), percebe-se que o surgimento das perversões deriva de um período pré-edipiano, por meio de um plano imaginário em uma relação em que a criança busca satisfazê-la em todas as suas possibilidades de falta. Essa relação elabora uma tríade entre mãe-falo-criança. Portanto, a autora afirma que “as perversões se constituem a partir da identificação imaginária com o falo. E nesse sentido, também há uma identificação com a mãe da infância, aquela que tinha um pênis chamado por Freud de “específico e muito especial” (p.50).

Castro (2004), também afirma que é durante o período pré-edipiano que é estabelecida uma rivalidade entre a criança e pai, porém com um caráter que pode ser encarado como fraterno. Além disso, é importante afirmar que essa rivalidade presente na relação pai e filho só adotará uma conotação dita hostil quando a criança perceber que existe algo para além em relação ao seu lugar no desejo da mãe, quando percebe que existe um desejo da mãe em relação ao pai (DOR, 1991 [1997]). Lacan (1956-1957 [1995]) afirma que o pai, enquanto pai imaginário, é tido como um intruso, um rival em relação ao objeto de gozo da mãe. Sobre esse pai imaginário, Lacan (1956-1957 [1995]) afirma ser a imagem de um pai assustador, presente em experiências neuróticas, mas que não necessariamente tenha a obrigação de se parecer com o pai real da criança. Dor (1991 [1997]) afirma ser esse pai que promove o encontro da criança com a lei, possibilitando que a mesma possa concluir que o desejo de cada sujeito sempre estará relacionado com a lei presente no desejo do outro. “Quando o plano da relação simbólica suplanta o da imaginária, o Outro é alguém que possui “o falo, o verdadeiro, o pênis real” e não mais um objeto imaginário” (LACAN, 1956-1957 [1955], p.213 apud CASTRO, 2004, p.52).

Isso faz com que possa surgir um grande Outro, a partir da existência do pai simbólico, que cumpre o papel de responsável pela castração, como um “quatro elemento da triangulação edipiana, introduzido pela fala da mãe que aponta à criança o equívoco de acreditar que a completava. É o pai simbólico quem possui aquilo que falta à mãe e ao filho” (CASTRO, 2004, p.52-53). Desse modo, o pai simbólico é capaz de mostrar ao sujeito que ele não tem o falo ou que o tem de forma insuficiente. A autora complementa esta afirmação dizendo que é por meio da função paterna que surge a primeira, e também considerada a mais importante lei, aquela que proíbe a relação incestuosa. “A partir desse instante, traumático por excelência, em que o sujeito reconhece o significante da falta no Outro (mãe), a criança sai da posição de objeto. Assim, abandona o registro do ser [o falo] e substitui-o pelo do ter” (CASTRO, 2004).

Com disso, Fink (2018) apresenta uma comparação em sua obra, em que a neurose, partindo de um sacrifício “definitivo” do gozo que lhes é imposto pelos pais, teorizado como

castração, deseja de acordo com a lei, enquanto que a perversão tenta se amparar na lei, buscando estabelecer limites para o gozo. Assim, o autor afirma que na neurose existe uma instauração definitiva desta lei, na psicose uma ausência de tal e na perversão uma “luta para dar vida à lei – em síntese, para fazer o Outro existir” (p.169).

Castro (2004) contribui para nosso estudo ao afirmar que na neurose a percepção e reconhecimento da castração da mãe permite que o sujeito se depare tanto com a falta do outro quanto com a sua própria falta, experienciando a ideia de que nenhuma verdade é completa, é sempre ilusória. Enquanto que na perversão, a partir da recusa de saber sobre a diferenciação sexual, a criança não admite a falta.

Nesse sentido, Fink (2018) apresenta que grande parte da sexualidade humana pode ser caracterizada como perversa se, a partir de um ideal em que a atividade sexual deva ser orientada por um parceiro ou parceira, são desejados por seu “eu” (aspas do autor), sem que tenha influência de um atributo particular desse sujeito.

O parceiro sexual não é considerado “um fim em si” – no sentido kantiano de algo buscado por si só, e não por algum outro objetivo “egoísta”, como atingir o prazer, sentir-se amado(a) ou coisas similares –, mas buscado por possuir alguma coisa (nem que seja apenas uma falta geradora de desejo) que faz algo por nós. (FINK, 2018, p.170)

O autor ainda afirma que, para a perversão, é essencial considerar um mecanismo muito específico de negação que é o desmentido. Enquanto que no recalçamento o pensamento que está associado a uma das pulsões do sujeito é excluído, no desmentido, o que é excluído é um pensamento, ou um complexo de pensamentos, que tenha relação com a percepção da genitália feminina, junto a uma possível ameaça de castração paterna. Por conseguinte, Fink (2018) ressalta que se algo é excluído da mente do sujeito, é justamente porque algo foi simbolizado, ocorreu uma primeira simbolização. Na perversão, existe uma simbolização inicial relacionada com o pai e o ato de separar o filho da mãe. Desse modo, “[...] podemos afirmar que o pai foi simbolizado, pelo menos até certo ponto, por causa dos sintomas ligados à castração que se formaram. Mas essa simbolização não é tão completa quanto a alcançada na neurose” (FINK, 2018, p.174).

Assim como a forclusão e o recalçamento primário, o desmentido diz respeito ao pai: ao desejo do pai, ao Nome-do-Pai e à lei do pai. Todos os três mecanismos que constituem as três categorias psicanalíticas essenciais – neurose, psicose e perversão – concernem à função paterna [...]. Nem de longe esse aspecto é tão claro na obra de Freud quanto na de Lacan, e por isso Lacan pode ser visto como quem sistematizou o trabalho de Freud quanto a esse aspecto (FINK, 2018, p.174).

Nesse momento, é explícito que o desmentido é um mecanismo distinto do recalçamento, que o autor afirma agir por meio de uma espécie de encenação sobre a função paterna, com o objetivo de fazer com que a lei seja pronunciada. Sobre essa encenação da lei, Fink (2018) nos apresenta a seguinte narrativa:

Sei muito bem que meu pai não me forçou a abrir mão da minha mãe e do gozo que extraio da presença dela (real e/ou imaginada na fantasia), não exigiu ‘a libra de carne’, mas vou encenar essa exação ou essa imposição forçada com alguém que ocupe o lugar dele; farei essa pessoa pronunciar a lei (FINK, 2018, p.174).

Outrossim, é imprescindível compreender que a perversão resulta de um fracasso parcial da função paterna, um fracasso que exige certo acréscimo para ser capaz de introduzir a separação (FINK, 2018). O autor nos apresenta uma questão em que no lugar de manter o foco sobre a recusa do perverso em sacrificar o gozo, como foi apresentado nas teorizações de Freud, é preciso “frisar a insuficiência paterna” (p. 178). Fink (2018) apresenta que o desmentido vai muito além de apenas uma defesa contra uma demanda paterna de sacrifício do gozo, e sim como uma forma de amparar a função paterna, para que o Outro possa proferir a lei, na tentativa de resultar em uma separação que possa aliviar a angústia. Em outras palavras, o perverso busca estabelecer limites para seu gozo.

Agora, com o objetivo de aprofundar a discussão acerca do termo desmentido, tido como mecanismo de defesa da perversão, faz-se necessário recorrer à obra de Martinho (2011). Partindo da compreensão de que o desmentido, *Verleugnung* no alemão, atua como uma forma de negação da castração, deve-se acrescentar que uma das consequências do processo de recalque, presente em sujeitos neuróticos, é o impedimento de que um conteúdo de uma representação considerada intolerável chegue à consciência. Martinho (2011) afirma que a negação age quando um conteúdo da representação intolerável chega ao consciente, porém com a condição de ser negado. “Negar algo no juízo significa no fundo: ‘Isso é algo que preferia melhor recalcar’. A condenação é o substituto intelectual do recalque, seu ‘não’, a marca do mesmo, um certificado de origem [...]” (FREUD, 1925, p.254, apud MARTINHO, 2011, p.87).

Hanns (1996), afirma que *Verleugnung* pode ser traduzido para o português como “negação”, “rejeição” ou “recusa”. O autor afirma que essa forma de negação se aproxima de um “desmentir” e “renegar”. Portanto, trata-se de uma forma de negar, dizendo “que não está lá. Frequentemente é como se o sujeito soubesse que aquilo que é rejeitado existe, mas continua a negar sua existência ou presença” (p.97). É definido como um movimento de dupla percepção, entre o saber e não-saber.

Dessa forma, é preciso realizar um retorno ao fetiche, já teorizado neste trabalho, pois o sujeito que nega a castração, faz isso por meio de um deslocamento de valor, produzindo um objeto de fetiche, auxiliando na negação, surgindo como algo equivalente (MARTINHO, 2011). Martinho, (2011) afirma ser possível perceber que existe um processo de clivagem no sujeito “que lhe permite, ao mesmo tempo, identificar-se com a mulher castrada (ao reconhecer a castração) e com o falo imaginário que lhe faltaria” (p. 99). Sobre isso, a autora conclui que, por meio do fetichismo, o sujeito sabe da verdade, sabe sobre a castração, mas isso não interfere em seu gozo, que é realizado como se ele não soubesse. Martinho (2011) faz um retorno a uma obra muito conhecida de Mannoni (1969 [1973]), intitulada “Eu sei, mas mesmo assim...” para justificar que o sujeito sabe sobre a castração da mulher, mas ainda assim é capaz de gozar com essa castração.

Partindo da leitura dos trabalhos de Martinho (2011), é perceptível que a ideia Lacaniana de perversão parte da compreensão de que o sujeito exerce uma defesa contra a angústia da castração, a partir de um objeto de substituição, o fetiche, transformando o fetichismo em um paradigma geral da estrutura clínica da perversão. “Lacan transforma a lógica fetichista de produção de um objeto capaz de desmentir a castração da mulher em paradigma que inclui o conjunto de procedimentos perversos” (p.99).

Continuando sua teorização, Fink (2018) retorna à afirmação de Lacan (1998), em que o ser humano chega ao mundo se oferecendo como objeto parcial de desejo do Outro, numa tentativa de conquistar o desejo do outro, enquanto que o perverso, que não foi limitado pelo pai, se identifica como objeto do desejo materno. Assim, Lacan (1998) apresenta que

Todo o problema das perversões consiste em perceber como a criança, em sua relação com a mãe, relação esta constituída na análise, não por sua dependência vital, mas pela dependência de seu amor, isto é, pelo desejo de seu desejo, identifica-se com o objeto imaginário desse desejo, na medida em que a própria mãe o simboliza no falo. (p.554 [561]).

Nesse sentido, o objeto imaginário de desejo da mãe é o falo, e é exatamente nesse objeto que a criança tenta se transformar, como um pequeno pênis substituto enquanto que o pai é ou não interfere ou é ineficaz em suas tentativas (FINK, 2018). Com isso, compreende-se que existiu uma primeira divisão do Outro para o perverso. O autor afirma que o perverso compreendeu que a mãe/Outro materno não é inteiro, se identificando justamente com a parte que falta, “fazendo-se objeto de desejo dela, constitui-se como seu objeto [...] tampona a falta dela com ele mesmo” (p.180).

Avançando, Fink (2018) afirma que a separação entre a criança e a mãe significaria forçá-lo a deixar de ser o falo dela, deixando de ser o falo imaginário para assumir um falo simbólico, pois

se ele é o falo da mãe, nunca acederá a uma posição simbólica – a que será associada à castração simbólica [...] Ele não pode “fazer um nome para si” no mundo, pois essa não é uma estatura simbólica que lhe seja possível buscar. Continua preso no nível de servir como a única coisa que importa para a mãe (FINK, 2018, p. 179-180).

O autor demonstra que não é possível afirmar que falta algo à mãe (no que tange o filho), até que ela diga que deseja algo ou alguém que não seja seu filho ou que outra pessoa diga, comumente o pai, sobre o desejo dela. “Não se pode dizer que a criança entenda que sua mãe é carente de algo ou deseja algo até que seu desejo ou sua carência tenham sido enunciados, postos em palavras” (FINK, 2018, p.181). Nesse momento, surge o que é chamado de falta de falta, em que a falta não existe até que seja verbalizada, até então a criança fica presa enquanto objeto do Outro materno, incapacitada de assumir uma simbolização própria.

Nessa perspectiva, tendo nomeado aquilo que falta à mãe, Fink (2018) apresenta que o objeto que a criança era para a mãe já não pode existir, considerando a verbalização do desejo do Outro materno. Ao deixar a posição de objeto real que era preciso para completar esse Outro, a criança fica disponível para buscar seu próprio desejo. Portanto, “uma vez articulado em palavras, o desejo não para, mas se desloca, vagando metonimicamente de uma coisa para outra. O desejo é produto da linguagem e não pode se satisfazer com um objeto” (FINK, 2018, p. 182).

[...] o primeiro momento leva a uma divisão na mãe/Outro materno, mediante a qual a criança passa a existir como objeto com que o Outro obtém satisfação; ao passo que o segundo leva ao advento de um sujeito desejante (separado do Outro como fonte de gozo). O primeiro corresponde ao que Lacan chama de alienação; o segundo, à separação. O primeiro também pode ser fecundamente associado ao que Freud chama de recalçamento primário e o segundo, ao recalçamento secundário (p.183).

Fink (2018) afirma que o neurótico passou por ambos os momentos, o psicótico não passou por nenhum e o perverso passou apenas pelo primeiro. Esse processo de verbalização do desejo não ocorre na perversão, visto que não é fornecido nenhum significante que seja capaz de apresentar a falta do Outro materno. Assim, a perversão pode ser entendida como “decorrente da ausência ou da falta da simbolização” (p.183).

Ainda sobre os estudos de Bruce Fink (2018), é possível notar a forma que Lacan adota para trabalhar o assunto da perversão, voltado não apenas para a satisfação, como foi apresentado por Freud, mas também enquanto uma função, tanto para a lei quanto para a

separação. De tal modo, o autor possibilita a compreensão de que a perversão não existe apenas como meio para obtenção da satisfação sexual direta.

Sobre a lei, é crucial ressaltar o retorno que o autor faz em Lacan (1998), afirmando que o desejo se trata de uma forma de defesa, que age como uma espécie de proibição para não ultrapassar um limite em relação ao gozo. Assim, “o desejo, pensado enquanto um desejo, surge na fantasia do perverso, que diz sobre sua posição em relação à lei” (FINK, 2018).

O neurótico deseja em relação à lei: o pai diz que o filho não pode possuir a mãe e, sendo assim, o filho a deseja inconscientemente. O perverso, por outro lado, não deseja em função da lei – isto é, não deseja aquilo que é proibido. Em vez disso, ele *tem de fazer a lei existir*. Lacan brinca com o termo francês *perversion* [perversão], grafando-o como *père-version* [versão do pai], para enfatizar o sentido de que o perverso convoca ou recorre ao pai, na esperança de fazê-lo cumprir a função paterna (FINK, 2018, p.185).

É primordial realizar um retorno ao termo desmentido, em que, a partir de uma análise de caso, Fink (2018) sugere que através de um fetiche, existe uma dupla atitude do sujeito em relação ao pai e o nome de seu pai. Essa dupla atitude pode ser pensada a partir da seguinte afirmação: “Sei muito bem que meu pai não deu nome, realmente, à falta da minha mãe/Outro materno, mas prefiro encenar a realização dessa denominação” (p. 188). Dito isso, é possível compreender que o perverso faz o Outro existir, um Outro diferente da mãe/Outro materno, que assume um papel simbólico e que seja capaz de proferir a lei. Desse modo, ele deixa de servir como objeto de completude da mãe (Outro materno) para ser completude do Outro simbólico. Portanto, o termo desmentido diz justamente sobre essa dupla atitude.

Também é válido destacar na obra de Fink (2018) que a perversão age de forma semelhante em suas mais diversas estruturas, como no masoquismo. O autor resalta que a fantasia do masoquista não é algo tão aparente em seus atos, não se trata apenas de buscar o gozo do Outro, e sim sua angústia, seu desejo é fazer com que o parceiro, posto no lugar de Outro, possa proferir a lei, pois parte da castração não ocorreu, fazendo com que o sujeito tenha que atuar para sua conclusão e, por não conseguir fazer de forma permanente ou até mesmo ter êxito, ele está sempre repetindo a encenação das castração.

Tal como o feticista, o masoquista necessita de separação, e sua solução é orquestrar um cenário em que é seu parceiro, agindo como Outro, quem dita a lei – a lei que exige que ele abra mão de certo gozo. [...] Muitas vezes, um parceiro tem que ser empurrado até o limite, até um ponto de angústia extrema, para expressar explosivamente a sua vontade, sob a forma de ordens (“Pare!”, por exemplo) (FINK, 2018, p.19).

Vale destacar que a lei, tida como uma lei moral, surge a partir de papéis parentais. Fink (2018) afirma que surgem especificamente a partir daquele que exerce a função paterna,

experimentada pelos filhos como uma forma de expressão do desejo do Outro. Assim, o masoquista, por não ter a lei simbólica, busca associar-se a ela, de forma que a vontade do Outro é aceita pelo masoquista como algo para substituir a lei, “em lugar da lei, em vez da lei, na ausência da lei. [...] Não (a) lei, porém uma lei” (p.193). Assim, o autor complementa afirmando que aquele que necessita da separação, que precisa completar a castração, recorre e retorna para buscar alívio naquilo que possa agir como um substituto da castração (FINK, 2018, p.194).

Com isso, é necessário retornar a um clássico artigo de Lacan, intitulado *Kant com Sade* (1963 [1998]), onde é possível perceber pontos essenciais para a compreensão das perversões enquanto estrutura. Dentre esses pontos, é possível ressaltar que, com o auxílio dos estudos de Castro (2004), a Lei que vigora na perversão é a lei do gozo, ditada por um “Deus maléfico” (p.57), e que o perverso é um escravo do Outro, considerando que o sujeito sádico não tem como objetivo a satisfação própria, mas atua como um instrumento para proporcionar o gozo do Outro. Em seu trabalho, Lacan partiu do modelo filosófico de Kant para descrever o funcionamento da perversão, “cujo modelo imperativo categórico dita a Lei do gozo, criada por um Deus obscuro, ‘Ser-supremo-em-maldade’, ao qual aludiu Sade em suas fábulas” (CASTRO, 2004, p.58).

Lacan (1963[1998]), apresenta que Sade acabou provando que a filosofia desenvolvida por Kant se tratava de uma forma de subversão, considerando o ato de obedecer a uma lei apenas pelo dever de cumpri-la. Castro (2004) afirma que assim “descartar-se-ia o livre-arbítrio, o juízo de valores e qualquer outra atribuição subjetiva que permitisse escolher como agir. Haveria, neste caso, um sujeito apático, e por essa razão, alienado” (p.57). É possível justificar que o perverso não está em busca apenas do prazer, pois não estaria livre para tal. A autora afirma ser incorreto afirmar que a lei é descartada pelos perversos, apenas que a apologia ao crime age como um reconhecimento, de forma indireta, dessa lei. Nesse sentido, afirmava que toda lei moral deveria ser cumprida, mesmo que o destino fosse a força. Porém, Lacan (1963[1998]) afirmou em seu trabalho que Kant falava de um sujeito neurótico.

Castro (2004) afirma que para Kant toda ação despendida por obrigação em relação ao imperativo categórico trata-se de uma ação moral. Assim,

a experiência moral Kantiana ignora a divisão do sujeito. Por isso neste aspecto, Sade é mais verdadeiro, pois manifesta não apenas que a divisão subjetiva existe, como que ela é transferida para o outro. Para se livrar da divisão, o sujeito sádico “se reduz ao agente apático da lei” (BAAS, 2001, p.28, apud CASTRO, 2004, p.58).

Desse modo, Castro (2004) afirma que para Lacan a estrutura do desejo perverso entendida vontade de gozo, poderia ser expressa de forma semelhante ao imperativo categórico

de Kant, denominada de “máxima universal sadiana da ação” (p. 59), explicada por Lacan da seguinte maneira: “Tenho o direito de gozar de teu corpo, pode dizer-me qualquer um, e exercerei esse direito, sem que nenhum limite me detenha no capricho das extorsões que me dê gosto de nele saciar” (LACAN, 1998[1963], p.780). Sobre a vontade de gozo, Lacan afirma o seguinte:

O desejo, que é o fator dessa fenda do sujeito, sem dúvida se conformaria em se dizer vontade de gozo. Mas essa denominação não o tornaria mais digno da vontade que ele evoca no Outro, provocando-a até o extremo de sua separação de seu páthos, pois, para fazê-lo, ele já começa derrotado, fadado à impotência (1963[1998], p. 784).

Outrossim, Lacan (1963[1998]) nos apresenta uma importante questão acerca do gozo perverso, sendo aquilo que se modifica a partir da experiência sadiana. O autor afirma que ele “só projeta monopolizar uma vontade ao já havê-la atravessado para se instalar no mais íntimo do sujeito que ele provoca mais além, ao atingir seu pudor” (p.783). É possível perceber, como afirmado por Lacan, que o pudor possui um caráter ambiceptivo, em que o despudor de um é capaz de atuar para a violação do pudor do outro, como apresentado por Castro (2004) acerca do exibicionista. É notório que, para o perverso atuar contra a angústia da castração, é fundamental a presença de um outro, sendo o “canal que justifica, se necessário fosse, o que logo de início produzimos da asserção, do lugar do Outro, do sujeito” (LACAN, 1963[1998]), p. 783).

Posto isso, Castro (2004) transmite a ideia de que o perverso, objetivando evitar sua divisão por meio da cristalização na rigidez do objeto, acaba por transferir sua dor de existir. Sobre isso, Lacan (1963[1998]) afirmava que “seguindo-a, não será, antes, que o sadismo rechaça para o Outro a dor de existir, mas sem ver que, através disso, ele mesmo se transmuta num “objeto eterno” (p.789).

Nesse momento, é possível compreender como a perversão se difere das demais estruturas no que se refere ao gozo. Fink (2018) afirma que o psicótico experimenta o gozo como uma espécie de invasão em seu corpo, enquanto que o neurótico tenta veemente evitar o gozo, mantendo-se insatisfeito em seu desejo ou um desejo impossível de ser alcançado. O perverso, por sua vez, goza a partir da própria tentativa de impor limites ao seu gozo, encenando a existência do Outro. Seguindo essa lógica de diferenciação, ressaltando o caráter didático aqui presente, também surge a importância em refletir sobre a mãe/Outro materno.

[...] a mãe imaginária ou real. Na psicose, ela nunca é barrada pelo Nome-do-Pai, e o psicótico nunca emerge dela como um sujeito separado; na neurose, ela é efetivamente barrada pelo Nome-do-Pai, e o neurótico emerge, sim, como um sujeito separado; na perversão, é preciso fazer o Outro existir, para que a mãe/Outro materno possa ser barrada e o perverso possa emergir como algo diferente de um objeto imaginário do desejo dela (FINK, 2018, p .197).

Sobre isso, Fink (2018) sugere que o sujeito perverso não apresenta dúvidas no que toca suas preferências ou objetos de excitação, comumente desinibidos em suas buscas. Enquanto isso, os neuróticos costumam ser sempre muito inseguros e incertos sobre o que preferem ou o que os excitam, frequentemente apresentando fantasias perversas em que podem agir de forma desinibida, sem que isso os torne perversos. Outrossim, entende-se, baseado nos estudos de Bruce Fink (2018), que a função paterna descrita por Freud não diz sobre algo presente na linguística, e sim sobre uma função simbólica. Essa função deve atuar, sobretudo, com o objetivo de castrar, dizer algo sobre o desejo da mãe/Outro materno sobre sua diferença sexual. Ainda é essencial frisar que, “o exercício da função simbólica, ele não precisa ser o pai biológico, nem sequer ser homem. É a função simbólica em si que é essencial” (p. 200).

Castro (2004) apresenta que o discurso do perverso se trata de algo performativo, sendo um discurso que “mais do que descrever ou relatar, é ato, faz as coisas, [...] o performativo é o próprio ato de realização da fala-ação” (CASTRO, 2004, p. 63). Portanto, compreende-se que o perverso precisa de um outro, como foi dito anteriormente, para que a atuação produza o efeito desejado, necessita que o outro cumpra a parte que o perverso reservou para tal, para que a angústia da castração possa ser aniquilada (CASTRO, 2004). Sendo esse outro, na clínica, o próprio analista.

## 6 TRANSFERÊNCIA NA PERVERSÃO: UMA CLÍNICA DO DESAFIO E DO DESEJO

Considerando que, a essa altura já exista o mínimo conhecimento necessário acerca dos assuntos Perversão e Transferência, o objetivo deste capítulo será discorrer brevemente acerca do conceito de transferência a partir de Lacan, para então enredar o ponto central: A transferência como um meio primordial para o tratamento clínico de sujeitos perversos. Para isso, serão utilizados autores como Lacan (1964 [2008], 1960-1961 [2010], 1988 [2016]), Lacerda (2011), Miller (2001), Rudge (1999), Clavreul *et al* (1967 [1990]).

Lacan, em seu seminário “Os quatro conceitos fundamentais de psicanálise” (1964 [2008]), faz uma importante observação ao afirmar que no senso comum, a transferência frequentemente é representada como um afeto, dividida entre duas formas: a primeira sendo a transferência positiva, compreendida como amor e que o autor aponta como uma “espécie de falso amor, de sombra de amor” (p.124). Já a segunda forma é a transferência negativa, que não deve ser confundida com o ódio, mas entendida como uma “ambivalência, termo que, mais ainda que o primeiro, mascara muitas coisas, coisas confusas cuja manipulação não é sempre adequada” (p.124).

Porém, antes de chegar a essa conclusão, Lacan, em seu seminário intitulado “A Transferência” (1960-1961 [2010]), apresentou a ideia de uma transferência oriunda do desejo do analista, objetivando estabelecer a verdade sobre o amor transferencial (LACERDA, 2011). Para o desenvolvimento de sua teorização, realizou uma leitura da obra “O Banquete”, do filósofo Platão. Nessa obra, o objetivo do Banquete é que cada convidado contribua com um discurso sobre determinado assunto, destacando aqueles que se pautavam sobre as questões do amor. Lacerda (2011) realiza uma leitura em que, na época em que O Banquete foi escrito, por não existir uma experiência analítica como a já teorizada. “O inconsciente era certamente a dimensão mais insuspeitada, aparece claramente o amante como sujeito do desejo e o amado como aquele que, nesse par, é o único a ter alguma coisa” (p.14).

Cabe acrescentar que Lacan (1960-1961 [2010]) teve como foco a relação entre Alcibíades e Sócrates. Sobre isso, Lacerda (2011) faz um importante apontamento ao lembrar que quando se fala em amor, na análise de “O Banquete”, trata-se do amor dos gregos, um amor destinado aos “belos rapazes – e nada mais” (p.14). Ainda em seu trabalho, Lacan (1960-1961 [2010]) discorre sobre o conceito de Agalma, entendida como uma forma de enfeite. O autor complementa esse conceito ao dizer que, se certos objetos e sujeitos despertam paixão em alguém, é justamente pelo fato de existir dentro deles um objeto de desejo, sendo este objeto denominado Agalma.

Lacerda (2011) acrescenta que Agalma não se trata apenas de um simples enfeite, mas algo voltado para um objeto precioso, presente no interior de algo. A autora segue afirmando que ao se falar com paixão, sobre relações de sujeitos e objetos, é porque se acrescenta a esses algo diferente do que são em sua concretude. A autora apresenta a ideia de que o Agalma é apresentado como um objeto parcial, que vai ao encontro do desejo de cada sujeito. Desse modo, a autora afirma que “situando o objeto parcial no desenvolvimento do discurso analítico, percebemos que, este objeto, agalma, o objeto a, objeto do desejo, já está ali de saída, antes de todo o desenvolvimento da dialética, como objeto do desejo” (LACERDA, 2011, p.16). Assim, a autora conclui que o Agalma, sendo o objeto a, age como uma espécie de mola da experiência analítica.

Lacan (1960-1961 [2010]) também se propõe a abordar a relação do analista e analisando por meio da transferência, conceito este que também pode ser pensado a partir de uma dialética, visto que dirige o modo de tratar os pacientes, enquanto que o modo de tratá-los também serve como guia para a formação deste conceito (LACAN, 1964 [2008]). Outrossim, Lacan (1964 [2008]) destaca a importância de reconhecer que, apesar de a transferência ser descrita como algo resultante da relação analítica, essa situação não possui a capacidade de criar todo o fenômeno, e que se deve refletir sobre a existência de possibilidades de construção da transferência para além do ambiente terapêutico, presente no meio externo.

Continuando a reflexão sobre a relação analítica presente na discussão de “O Banquete”, Lacerda (2011) realiza uma aproximação entre transferência e amor, considerando ser aquilo que mais se aproxima da caracterização desse fenômeno. Assim,

o paciente que vai ao encontro do analista, partindo da suposição de que ele não sabe o que tem – aí já está toda a implicação do inconsciente, do “ele não sabe” fundamental. É por aí que se estabelece a ponte que pode ligar a psicanálise a toda tradição do conhecer-te a ti mesmo. [...] Este “ele não sabe”, trata-se daquilo que o sujeito tem, realmente, em si mesmo, do que ele demanda ser, e não apenas ter. (LACERDA, 2011, p.17-18).

Sobre essa relação entre paciente e psicanalista, Lacan realiza uma aproximação com o problema do amor abordado em “O Banquete”, por meio da posição de Érastès, o amante, e Érômero, o amado. Para melhor compreensão desta aproximação, é preciso apoiar-se na explicação apresentada por Lacerda (2011), em que o amante pode ser caracterizado por todos os que se aproximam dele, especificamente pelo que falta a ele, mesmo que ele não tenha o conhecimento sobre o que lhe falta. Enquanto isso, o amado (entendido como objeto amado) é apreendido em uma posição como o que sempre sabe o que tem de oculto e que gerou a atração.

Porém, a autora ainda aponta a necessidade de afirmar que “o amado também possui um não saber, ou seja, ela não saber o que tem. Portanto, o amado não sabe o que tem, e o amante não sabe o que lhe falta [...] O que falta a um, não é o que existe, escondido, no outro” (p.18) Além disso, também é importante compreender que não é preciso dialogar sobre o amor para que ele exista, para isso é preciso apenas estar nele, auxiliando na compreensão de que é preciso estar na transferência para que ela possa existir, partindo da aproximação que a autora fez entre transferência e amor (LACERDA, 2011).

Dito isso, também é necessário ressaltar um importante ponto acerca de uma conceituação de Lacan sobre o *sujeito-suposto-saber*. Para isso, é preciso recorrer ao caminho teórico realizado por Lacerda (2011) quando a mesma faz um retorno a Freud (1940 [1969]), afirmando que existe algo essencial para toda relação analítica, em que um ego doente é capaz de prometer colocar à disposição do analista tudo que estiver disponível por meio de sua autopercepção. Enquanto isso, o analista, partindo do lugar daquele que tem o saber, deve prometer ao paciente toda a discrição e interpretação possível para o que for dito, compensando a ignorância do paciente por meio de seu saber. Porém, em contrapartida, Lacan afirma que não é por dar socorro a ignorância do paciente que o analista também não possua sua própria ignorância (LACERDA, 2011). Sobre essa posição do analista, Lacan afirma que:

É claro que essa relação se instaura num plano que não é de modo algum recíproco, de modo algum simétrico. É o que Szasz constata para deplorá-lo bem erradamente – nessa relação de um a outro, institui-se uma procura da verdade em que um é suposto saber, ou pelo menos saber mais que o outro. A respeito deste, surge logo o pensamento de que não somente ele não deve se enganar, como também que se pode enganá-lo. O enganar-se, no mesmo movimento, é remetido ao sujeito. Não é simplesmente que o sujeito esteja, de maneira estática, na falta, no erro. É que, de maneira movente, em seu discurso, ele é essencialmente situado na dimensão do se enganar (1964 [2008]), p.136).

Lacerda (2011) afirma que o sujeito procura o atendimento com o analista a partir de uma queixa inicial, que pode emergir como inibição, sintoma ou angústia. O sintoma que deve ser escutado pelo analista é um sintoma que tenha o valor de mensagem, e para que este sintoma adquira um valor de mensagem, para então ser decifrada, é necessário que o sujeito seja capaz de se reconhecer em seu próprio sintoma, para que então seja constituída uma demanda endereçada ao Outro, lugar que o analista assume no início do tratamento. Desse modo, “esta demanda retornará ao sujeito sob forma de pergunta: “Porque faço isso? Ou então, “O que o Outro quer de mim?”” (p. 23). Portanto, é preciso considerar que o sujeito não é capaz de compreender seu próprio desejo, visto que o inconsciente só se faz presente a partir da presença do analista.

À medida que o sujeito questiona o desejo do Outro é sobre seu próprio desejo que se interroga. Este é o momento da demanda de análise em que o analista é posto no lugar de Sujeito Suposto Saber, embora o analista saiba que ele não tem o saber demandado. Neste sentido, ele deverá deslocar-se deste lugar de Sujeito Suposto Saber e sua função será de causar desejo, causar o trabalho de análise. O Sujeito Suposto Saber é o que permite que a análise aconteça, é o trabalho da transferência (LACERDA, 2011, p.24).

Dessa forma, esse deslocamento do lugar de *sujeito-suposto-saber* para o lugar de causa do desejo desperta no sujeito o desejo de análise, deslocamento este que ocorre a partir da transferência. Tendo apresentado uma breve teorização sobre a transferência, considerando apenas os aspectos necessários para este capítulo, torna-se possível discutir como esse fenômeno contribui para o tratamento clínico de perversos, visto que “numa psicanálise, com efeito, o sujeito propriamente dito constitui-se por um discurso em que a simples presença do psicanalista introduz, antes de qualquer intervenção, a dimensão do diálogo” (LACAN, 1988, p.215 [2016]). Dito isso, Castro (2004) traz uma perspectiva em que a perversão deve ser trabalhada sob uma ótica do discurso, pois não se trata apenas de uma estrutura, mas também de uma forma de laço social, que se estabelece a partir da dinâmica transferencial, com a “finalidade defensiva de neutralização da angústia de castração” (p.63). Assim, pensando sobre o discurso do perverso, é essencial considerar que, durante o atendimento, o analista presenciara um discurso, uma fala, que se propõe a recusar a castração.

Nesse sentido, é fundamental retornar ao teorizado nos primeiros capítulos deste trabalho, sobre a função do fetiche, que atua como uma forma de triunfar sobre a castração, mesmo que a angústia desta não seja neutralizada por completo. Castro (2004), apresenta uma ideia baseada no fato de que a recusa da castração sempre fracassará, gerando processos de desorganização no sujeito, desorganização que evidencia a possibilidade de atuar sobre a angústia do fracasso. A autora ainda afirma que, partindo desta possível angústia em função de uma falha da recusa, surgem as possibilidades de um fazer clínico para a perversão em que, apesar dos impasses, possibilita o processo de análise.

Castro (2004) afirma que a “manutenção da cisão do eu tem como efeito psíquico o abrandamento da angústia, que é a grande responsável pelo andar de uma análise. Sem ela, o trabalho de elaboração é dificultado” (p.72), sendo possível perceber que, apesar do processo de cisão do eu, a possibilidade da análise surge enquanto a recusa não for estabelecida, visto que a angústia se faz presente entre uma atuação e outra do perverso. Dito isso, pode-se acrescentar o dito por Pommier (1998), sobre a possibilidade de se abordar o sofrimento do perverso no momento de sua angústia, comumente oriunda de um encontro do sujeito com outro. Por outro lado, deve-se explorar o ponto apresentado por Miller (2001) quando afirma

que a existência de uma resposta antecipada pelo gozo do outro pode ser encarada como um fator que dificulta a entrada do perverso em análise. Castro (2004) justifica que isso ocorre, pois, a consistência de gozo acaba por resultar em uma obstrução do desejo, já que o sujeito se defende dele para evitar qualquer questionamento sobre sua possível falta e, conseqüentemente, sobre sua castração. A autora retorna à Rudge (1999) ao afirmar que o perverso busca evitar o desejo, “trabalhando para não desejar” (p. 6-7), considerando que

O perverso trabalha intensamente em prol do gozo, como um burro de carga (LACAN, 1995[1964]). E conseqüentemente, gasta toda sua energia evitando o surgimento do desejo, justamente com o propósito de se precaver contra desagradáveis surpresas que poderiam suscitar angústia (CASTRO, 2004, p.75).

Martinho (2011) apresenta uma importante perspectiva voltada para o “discurso analítico e a perversão” (p.164), considerando que tanto o analista quanto o perverso agem um sobre o outro, sendo que este outro é sempre tomado como sujeito. Para melhor embasar essa discussão, a autora retorna à Lacan para afirmar que na fantasia fundamental do perverso, o mesmo assume o lugar de objeto *a* em todas as suas relações, colocando o outro como o sujeito castrado, enquanto que o desejo do perverso é o de gozo, considerando o que Castro (2004) afirma ao dizer que o perverso é “escravizado, preso aos Seus ditames de gozo” (p.79). No discurso analítico, o analista deve estar no lugar do objeto *a* e ele é quem se dirige ao outro como um sujeito castrado. Martinho (2011) conclui que no processo analítico, “o que está implicado é o desejo do analista” (p.164) que é inseparável do desejo de saber. Portanto,

o discurso do analista concerne ao gozo, não para realizá-lo, mas para *saber e fazer saber* o que o determina na linguagem inconsciente, em cada caso singular, o que o determina como verdade. Se o lugar do analista visa a um “saber fazer”, o do perverso visa a um “fazer gozar” (MARTINHO, 2011, p. 164).

A autora ainda afirma que, no discurso do analista, considerando o analista enquanto aquele que faz semblante de objeto *a*, se dirige ao sujeito, que está no lugar do outro, para um fazer saber. Já o perverso, que assume o lugar de objeto *a*, assume o lugar do próprio objeto como uma causa de gozo, colocando o outro no lugar de vítima para obter então o gozo deste.

O analista enquanto *a*, se sustenta sobre o saber sobre a castração, no entanto ele não vai fazer o outro gozar, mas vai fazer o outro se desalienar dos significantes primordiais. Quando Lacan diz que o analista deve “tomar o *a*” como objeto, se trata deste objeto que o perverso não sabe, o objeto causa de desejo. Na perversão é preciso que o analista se empenhe para fazer subjetivar um perverso. É preciso um *saber fazer* analítico para desvelar que a verdade do perverso está toda depositada em sua marca de gozo (MARTINHO, 2011, p.164).

Outro ponto crucial a ser desenvolvido é sobre o lugar do analista, em relação ao sujeito na perversão, que é voltado ao *sujeito-suposto-saber*, ou sua impossibilidade, pois Castro

(2004) afirma ser improvável que o perverso coloque o analista no lugar daquele que detém um saber sobre algo que o incomoda, diferente dos sujeitos neuróticos e psicótico. A autora afirma que o saber do perverso não permite o reconhecimento de um possível não-saber. Com isso, surge um momento bastante delicado no que tange ao manejo transferencial, considerando que essa posição que é atribuída ao analista facilita uma intervenção a partir de extremos, “numa posição superegógica por um lado e conivente do outro, na medida em que a vontade de gozo do perverso pode ser atuada com o analista” (p.76). Nesse caminho, Clavreul *et al* (1967 [1990]) apresenta uma importante preocupação com a possibilidade de o analista ser reduzido, a partir do discurso perverso, a uma posição moralizante ou perversa.

Sobre a posição que o perverso atribui ao analista, Castro (2004) ressalta a necessidade que o perverso tem em atuar a partir da presença de um terceiro, esse que assume o lugar de Outro, para que possa testemunhar sua insubmissão a castração, posição essa que, no cenário clínico, é depositada ao analista, que acaba por tornar-se um elemento fundamental para o ato perverso durante a análise. Nesse sentido, Clavreul (1967 [1990]) acrescenta que

É enquanto portador de um olhar que o Outro será o parceiro, isto é, antes de tudo o cúmplice do ato perverso. Chegamos aqui ao que distingue radicalmente a prática perversa onde o olhar do Outro é indispensável porque é necessário à cumplicidade sem o quê não existiria o campo da ilusão [...], olhar cuja *cumplicidade* é necessária para o perverso enquanto que é *denunciador* para o normal e o neurótico (p.108-109, apud ROSA, 2013, p.103).

Castro (2004) afirma que o perverso se coloca em uma posição de instrumento de gozo no cenário analítico, reorganizando o lugar do analista de um *sujeito-suposto-saber* para um *sujeito-suposto-gozar*, o que vai ao encontro do que Martinho (2011) afirma, que o “perverso é aquele que quer oferecer ao seu parceiro aquilo que ele acha que lhe falta: o gozo” (p. 159). Nesse momento, é importante lembrar que o analisando, não se restringindo ao perverso, possui uma tendência em repetir seu sintoma com o analista, apresentando na análise sua forma de relacionar-se com o outro, seu laço social (CASTRO, 2004).

Martinho (2011) chama a atenção para o que muitas vezes pode ser considerado o principal problema na análise do perverso, fazer surgir a posição do *sujeito-suposto-saber*-, pois “na perversão, observa-se mais uma afirmação de satisfação do gozo incluído no sintoma do que uma pergunta” (p. 160). Assim, pelo fato de o sujeito perverso apresentar uma certeza sobre o gozo, como aquele que sabe e é justamente o gozo que existe no outro, que se instaura a dificuldade para encontrar uma falha que permita o interrogar enquanto *sujeito-suposto-saber*. Apesar disso, em seu estudo de caso, a autora percebeu que existe uma possibilidade de se estabelecer a transferência, mesmo que por meio da repetição e resistência, evidenciando que

no conteúdo da repetição presente na transferência sempre apresenta algo da ordem do gozo do sujeito.

Sobre o perverso assumir uma posição de instrumento de gozo do outro, cabe ressaltar o que Castro (2004) define como uma disputa do sujeito perverso para assumir o lugar de objeto a, com o objetivo de colocar-se como causa de desejo do analista. Nesse sentido, a autora também apresenta uma questão que, por diversas vezes, acaba sendo alvo de tabu dos analistas, que é a desconfiança sobre o motivo que realmente levou o perverso a procurar o tratamento analítico, por considerar que existem razões que nem sempre são reveladas,

a demanda que nos é feita por um perverso é particularmente estranha, ambígua (...). Vem o perverso procurar junto de nós uma proteção contra os eventuais problemas médico-legais, tentando assim reduzir-nos ao papel cúmplice do protetor? Ou procurar aos olhos de terceiros provar sua boa vontade? Ou, ainda, quer se livrar de determinada perturbaçãozinha que o incomoda enquanto permanece firmemente decidido a não modificar nada de essencial (CLAVREUL *et al*, 1990[1967], p.137, apud CASTRO, 2004, p. 77).

Ademais, é possível assumir, baseado no trabalho de Castro (2004), que a análise com perversos está constantemente sujeita ao movimento de contratransferência, visto que, em suma, o perverso busca a angústia do analista, por meio de transgressões e ataques tanto ao contrato analítico quanto ao setting. Ainda assim, a autora afirma ser necessário considerar a existência do sofrimento em um sujeito que vive a partir da repetição de um sintoma e que é preciso guiar essa repetição para uma elaboração, acreditando ser essa a direção do tratamento.

Embora aparentemente estejamos diante de um gozador, de alguém que não sofre com o martírio da culpa e tem desinibição suficiente para obter um gozo consistente, trata-se na realidade de um sujeito alienado ao Outro, escravizado, preso aos Seus ditames de gozo (CASTRO, 2004, p.79).

Nesse sentido, Castro (2004) apresentou a transferência, junto a angústia da castração, como uma possibilidade de intervenção na perversão, assim como Martinho (2011) apresenta, que o “real do gozo, o angustia o suficiente para sustentar uma demanda terapêutica, apesar do gozo que obtém de seu sintoma (p.162). Apesar disso, a autora também afirma que a demanda terapêutica não é suficiente para a realização de um processo analítico, considerando que

A constatação de que a análise só é possível a partir de um não saber reconhecido e subjetivado poderia nos conduzir a uma conclusão apressada de que os perversos seriam inanalizáveis. Contudo, essa premissa não é verdadeira. [...] Lacan demonstra no seu ensino: os perversos são analisáveis. [...] porque há um não saber próprio do sujeito, posto que a sua encenação de gozo perverso, não dá realmente a chave de seu desejo perverso (MARTINHO, 2011, p.162-163).

Portanto, a autora propõe que, ao verificar um efeito enganoso no discurso perverso, por meio de sua encenação, omitindo a real causa de sua angústia, o sujeito acaba por se defender

por meio de seu desejo, de sua encenação de gozo. Assim, defende que no manejo transferencial, é fundamental que o analista assuma a posição em que tome para si o *a*, “à maneira de um corpo estranho, de uma incorporação da qual somos o paciente, porque o objeto como causa de sua falta é absolutamente estranho ao sujeito que nos fala” (LACAN, 1962-1963, p.154, apud MARTINHO, 2011, p.163).

É imprescindível retornar ao que Pommier (1988) afirma, em que não há dúvidas de que os sujeitos perversos consultam psicanalistas, visto que também são sujeitos que sofrem, mesmo que esse sofrimento seja, para alguns, apenas para buscar um novo limite a ser transgredido, pois “é menos perigoso mofar de um analista que de um guarda republicano” (p.441), assim, surge um fazer clínico constantemente atravessado por um desafio. Fleig (2008) apresenta um olhar, já discutido e aceito neste trabalho, de que se existe, mesmo que minimamente, algum drama ou incômodo subjetivo, ou seja, existem sim possibilidades de tratamento. Rosa (2013) apresenta em sua tese que, para realizar a análise de um perverso, o analista deve suportar o desafio e ser capaz de reconhecer ali um sofrimento.

Com efeito, pensando no atendimento clínico, apesar de sempre evitar generalizações quanto ao comportamento ou discurso dos pacientes, Rosa (2013) sugere uma lista de aspectos predominantes da perversão, que perpassam o desafio, enfrentamento, manipulação, e sedução, além de vitimização e culpabilização. O autor afirma ser necessário compreender que o perverso busca responsabilizar o outro pelo dano que ele mesmo cometeu, assumindo a responsabilidade apenas quando o que está em jogo é a capacidade de continuar atuando e continuar gozando. Dessa maneira, o autor apresenta uma concordância ao teorizado por Dor (1991), ao afirmar que não importa o preço, o perverso sempre buscará continuar desafiando e transgredindo. Diante disso, a partir de um estudo de caso, Rosa (2013) sugere que existem dois principais motivos para o atendimento do perverso: o primeiro, e já citado ao longo deste trabalho, é o reconhecimento do mesmo enquanto um sujeito que sofre; e o segundo, sendo o desejo do analista em ouvi-lo. Dessa forma, o autor recorre a Pommier (1998):

O perverso que consulta um psicanalista o faz por causa desse sofrimento – e, se é claro que este sofrimento faz parte de um gozo que não deixa de apresentar riscos de manipulação, este argumento é suficiente para fechar-lhe a porta? Muitos psicanalistas avaliam que este tipo de sofrimento não tem a ver com sua arte, porque frequentemente serve de pretexto para um gozo transgressivo onde a cura só constitui um exutório suplementar. Este risco incontestavelmente existe, pois, enfim, os psicanalistas são semelhantes suscetíveis de serem manipulados. Todavia, o fato de que um sujeito procure um analista com o objetivo de gozar dele não constitui um obstáculo redibitório, pois que, se pensarmos sobre isso, este caso se apresenta também para todos os neuróticos. Eles igualmente tentam tais manobras, ainda que de outra forma. E nenhuma análise pode começar se o analista não aceita cair na armadilha desta demanda, se ele não faz o pato até um certo ponto (POMMIER, 1998, p.443).

Sobre os desafios de tratar o perverso, o principal deles é a constante tentativa de atacar o lugar ocupado pelo analista, com o objetivo de fazê-lo sair de seu lugar e se apresentar enquanto sujeito. Do mesmo modo, Rosa (2013) afirma que na perversão o sujeito irá desafiar o quanto o analista realmente está disposto a sustentar sua ética, assim, o autor recorre a Lacan para refletir sobre os possíveis sentimentos do analista em relação aos ataques do paciente, “mas o que há de certo é que os sentimentos do analista só tem um lugar possível nesse jogo: o de morto, e que ao suscitá-lo o jogo prossegue sem que se saiba quem o conduz” (LACAN, 1958, p.595, apud ROSA, 2013, p.106-107)

Rosa (2013) apresenta que as palavras do perverso durante a análise buscam ridicularizar o lugar do analista, sendo preciso ressaltar o quão intenso pode ser o desafio de analisar, resultando, em última instância, na desistência dessa clínica, seja por limitações pessoais do psicanalista ou mesmo por não desejar manejar as demandas que possam emergir. Todavia, o autor ressalta o caráter indispensável do desejo do analista para a possibilidade de um agir clínico com perversos. Assim,

a leitura do analista daquilo que lhe é endereçado poderá, talvez, produzir alguma demanda de análise. Logo, a demanda será o resultado de uma posição ética que requer tanto o reconhecimento de algum indício de sofrimento na perversão, quanto o desejo de escuta da posição do sujeito em relação ao drama que o captura. (ROSA, 2013, p.107-108)

Tendo em vista as dificuldades apresentadas por Rosa (2013), o autor ainda apresenta que a intensidade dos desafios também pode servir como meio importante para o estabelecimento da transferência, bem como construir as bases necessárias para iniciar o processo de análise. Além disso, o autor acrescenta que a demanda de análise surge de forma proporcional ao desconforto que o perverso sente quando suas tentativas de desestabilizar o lugar ocupado pelo analista falham. Desse modo, conclui que, por meio do fracasso na tentativa de desalojar o outro, através de suas falas e atos, o sujeito acaba por se desestabilizar.

Rosa (2013) entende que o desafio, colocado tanto para o analista quanto para o analisando, deverá ser encarado como uma condição preliminar para que ocorra a entrada em análise, tratando-se da perversão. Para o analista, é importante destacar que não será qualquer desconforto de um caso que irá imputar as condições de seu trabalho. Esse desafio é mais sobre um não se ofender ou angustiar-se com possíveis significantes que possam surgir em sua direção, lembrando que o único propósito destes é o de gerar fascinação, medo, etc.

Nesse sentido, ao localizar a divisão subjetiva do outro, a busca perversa irá gozar do exercício de um saber que requer localizar a falta no Outro. Em contrapartida, o pseudo-analisante, ao se deparar com a falta de êxito em suas tentativas de desestabilizar, também irá se sentir desafiado (ROSA. 2013, p.108).

O autor ainda afirma que essa desestabilização ocorreria em função da própria experiência de análise do psicanalista, que poderá fazer grande diferença em sua reação perante as tentativas do perverso. Primeiro, porque a vivência de destituição subjetiva pôde lhe ensinar o quanto os supostos significantes que o representavam no campo do Outro, caíram. Ou seja, ele passou a admitir que o Outro como tal, não existe. Com isso, partindo de Rosa (2013), entende-se que, em relação ao analista, nenhum significante será capaz de representá-lo, o que possibilita que ele se liberte de qualquer demanda por reconhecimento do analisante, surgindo as condições necessária para fazer semblante de *a*, como já foi apresentado por Martinho (2011).

Rosa (2013) apresenta em sua tese que a tentativa de atacar o lugar do analista será a única motivação, ao menos no início, para simular a entrada em análise e sua possível continuidade, gerando dúvidas quanto a real possibilidade de construção de uma demanda de análise, considerando que o perverso não reconhece diferença de lugares e não possui o desejo de mudança de posição, pensando na obstrução de seu gozo. Porém, baseado em seu estudo de caso, o autor percebeu em seu paciente que a falha em desestabilizar o analista evidenciou o constante fracasso de sua atuação que, apesar de não servir como base suficiente para a construção da demanda, gera certa angústia. Cria-se, então, a necessidade do sujeito ser capaz de reconhecer suas falhas, em consequência ao fracasso de sua atuação, pela busca do gozo pleno, para isso, o autor ressalta a importância do analista “fazer face à situação” (p.109).

Este fazer face, requer que o analista expresse certa indiferença para com as provocações dirigidas a ele, provocações que objetivam retirar o analista de seu lugar, convocando-o a responder como um moralizador ou representante da lei, sendo esta a encenação perversa atuando sob a transferência (ROSA, 2013). Com efeito, o fazer face, faz com que a palavra retorne para aquele de origem, o perverso, fazendo com que ele possa reconhecer “a insuficiência daquilo que ele pretensamente busca dominar” (ROSA, 2013, p.109-110).

Como é possível constatar, a modalidade da transferência em questão irá exigir do analista a permanente disposição em demarcar lugares. Contudo, neste aspecto, cabe uma ressalva fundamental, qual seja, é importante que ao situar a diferença de lugares, o analista não esteja orientado pelo desejo de reconhecimento de sua autoridade, tampouco, de seu poder e de suas eventuais possibilidades de interdição. A diferença de lugares produtiva para o tratamento será demarcada a partir da habilidade do analista em possibilitar ao sujeito tomar a palavra diante do imperativo de *mostração* de seu gozo. Portanto, o desafio em questão será sempre em transpor as nossas resistências e relançar a associação livre (ROSA, 2013, p.112).

Nesse momento, já é de conhecimento que um dos principais desafios do analista ao analisar um perverso é o de dar a palavra ao sujeito, para que assim ele possa reconhecer os furos tanto nas imagens quanto nas atuações que detém o seu gozo, para que o mesmo possa

reconhecer-se enquanto autor de suas ações (ROSA, 2013). Dito isso, é fundamental recorrer ao apresentado por Pommier (1998), quando o mesmo discorre sobre a pulsão na perversão. O autor afirma a necessidade de analisar o sujeito para além de sua relação com seu sintoma ou com o nome-do-pai, mas também pensando na pulsão, pois é justamente essa que o faz agir de forma anônima, sem reconhecer seu lugar em seus atos, diferente da neurose em que o sujeito age sem saber o que realmente faz.

Assim, o perverso, enquanto um sujeito da pulsão, que recusa a castração materna, é visto como ausentado em seus atos, por isso o perverso age por meio do desafio, enfrentamento, manipulação, sedução, além de vitimização e culpabilização. Desse modo, o autor demonstra os efeitos da transferência em relação às estruturas, destacando seus efeitos na perversão, considerando que o fenômeno da transferência age na neurose por meio das decifrações das formações do inconsciente, na psicose por meio do tempo subjetivo e na perversão com uma articulação entre a pulsão e o sujeito despersonalizado, enquanto anônimo em seus atos (POMMIER, 1998).

Além disso, é importante refletir sobre o que Rosa (2013) apresenta no que tange o desafio do perverso em relação à lei, pois o ato perverso apresenta uma certa dependência em transgredir a lei e em ter o testemunho de um terceiro nesta transgressão, caso o contrário, o ato será anulado. Neste sentido, se a intenção for de gerar medo ou choque no espectador, o perverso fará todo o possível para isso, atuando para que isso ocorra inclusive na relação analítica, pois isso age como base fundamental para seu gozo. “Isto o levará a atuar diante de um permanente desafio da lei. Assim, seu destino está ligado a ela somente enquanto desafio, o que o levará a repetir infinitamente seus atos de transgressão” (ROSA, 2013, p.117). Com isso, nota-se a falha do ato perverso quando o analista se recusa a tornar-se este outro que age tanto pelo olhar de testemunha quanto pelo medo ou choque, retirando as possibilidades de gozo na relação analítica, colocando assim o sujeito frente ao seu próprio fracasso. Portanto, na tentativa de desestabilizar o analista, o perverso acaba por ser desestabilizado em relação a sua certeza de gozo.

Por último, baseado no trabalho de Rosa (2013), entende-se que será por meio da transferência que o perverso reconhecerá a lei, mesmo que o objetivo seja transgredi-la. O autor acredita que o principal meio para que a análise possa avançar é que ambos, analista e analisando, possam se deparar com o desafio, além da própria função do desejo do analista, para que assim “possa fazer furo no imperativo das imagens e das atuações, pois ao tomar a regra ao pé da letra, o sujeito na perversão, vai interrogar as possibilidades de o psicanalista relançar a associação livre” (p.118).

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi produzida com o intuito de investigar a transferência na clínica da perversão. Assim, foi realizado um percurso baseado nas teorizações de Freud, tanto sobre a perversão quanto o fenômeno da transferência, para então enfatizar o foco principal que é a transferência na perversão a partir das teorizações de Lacan, bem como partindo da leitura de seus comentadores. Com isso, foi possível realizar importantes apontamentos tanto sobre a compreensão da estrutura perversa e a transferência, quanto sobre suas especificidades clínicas.

Partindo do retorno à Freud, em “Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade” (1905), foi possível perceber a perversão como oriunda dos processos infantis, um traço da sexualidade infantil que escapou ao processo de recalçamento. Em “Batem numa criança” (1919), Freud teorizou a origem da perversão no complexo de Édipo, a partir de cenas infantis de espancamento. Em “O Fetichismo” (1927) o autor apresenta a perversão como uma estrutura que surge a partir de uma recusa da diferença sexual, uma recusa da castração. Além disso, a transferência era compreendida desde o início como algo que, apesar de inerente a qualquer relação interpessoal, tem ação fundamental para o tratamento analítico. Outro ponto que também foi apresentado, é o caráter de repetição, sendo essa repetição uma transferência do passado esquecido. Sobre o manejo transferencial, Freud afirmava que o principal objetivo seria transformar a compulsão de repetição em recordações para então ser possível elaborá-las, atribuindo novos significados para os sintomas do paciente e surgir espaço para a cura a partir da psicanálise.

Partindo dos pressupostos da psicanálise lacaniana, a perversão é percebida como uma estrutura clínica oriunda do período pré-ediípico, quando a criança ainda era capaz de obter satisfação sem uma percepção da falta, a partir da relação mãe-falo-criança. Porém, este também é o período em que surge a função paterna, despertando uma rivalidade entre a criança e o pai, pois o mesmo surge como objeto de desejo da mãe, retirando a criança do lugar de objeto absoluto. Essa rivalidade faz com que a criança conheça uma lei, a Lei do desejo do outro, que faz surgir o pai simbólico, que atua como grande Outro castrador, invadindo a tríade mencionada anteriormente. A função paterna deve atuar, sobretudo, com o objetivo de castrar, dizer algo sobre o desejo da mãe/Outro materno e a diferença sexual. Diferentemente da neurose, onde essa castração, primordialmente da mãe, permite o sujeito se deparar com uma falta no outro, e com sua própria falta, partindo de sua própria castração, na perversão o sujeito recusa-se aceitar a diferenciação sexual, negando a existência da falta.

Alguns autores chegam a afirmar que a perversão surge a partir do fracasso da função paterna, que não consegue concluir a separação mãe-filho. Assim, surge a falta da falta, quando o outro materno não retira o sujeito do lugar de objeto de satisfação, impossibilitando sua própria simbolização. Assim, Lacan afirma que a perversão surge com a falta de simbolização. O autor também afirma que a perversão busca se defender com a angústia da castração, utilizando do fetiche, sendo esse algo inerente à estrutura perversa, sendo o desejo perverso uma defesa, uma proibição, em forma de lei, para que não ultrapasse o limite do gozo. Lacan afirma que a perversão busca se defender com a angústia da castração, utilizando do fetiche, sendo esse algo inerente à estrutura perversa, sendo o desejo perverso uma defesa, uma proibição, em forma de lei, para que não ultrapasse o limite do gozo. Dito isso, o discurso do perverso se trata de algo performativo, constantemente atuando para negar a castração e sua angústia que decorre da mesma. Além disso, compreende-se que o perverso precisa de um outro para testemunhar essa insubmissão à castração, sendo esse outro, na clínica, o próprio analista.

Outrossim, Lacan apresentou a transferência como algo oriundo do desejo do analista, como forma para estabelecer uma verdade sobre o amor transferencial. Pensando nisso, estabeleceu o conceito de *Agalma*, como um “algo a mais” presente em objetos e sujeitos que despertam a paixão em alguém, sendo algo diferente da concretude, algo individual que vai ao encontro do desejo de cada sujeito. Assim, este seria o objeto *a*, sendo a mola propulsora da experiência analítica. Também foi possível perceber uma dialética sobre a transferência na relação analítica, onde um constitui o outro. Sobre o atendimento, é imprescindível compreender que o analista deve assumir o lugar de Outro para que ocorra o início do tratamento, visto que o inconsciente se apresenta a partir da relação analítica. Assim, com esse lugar de Outro, o analista passa a assumir o lugar de *sujeito-suposto-saber*, por meio da transferência, sendo a causa de desejo do analisando, despertando o desejo de análise.

Nesse sentido, compreende-se que a perversão deve ser analisada a partir de seu discurso, pois se manifesta na transferência, atuando para neutralizar a angústia de castração. A recusa da castração precisa ser sempre reafirmada, por não ser concreta, e entre uma atuação e outra a angústia surge, sendo esta a abertura para que o trabalho analítico possa ser realizado. Considerando que na fantasia fundamental do perverso ele assume o lugar de objeto *a*, colocando o outro como castrado, e o discurso do analista o analista está no lugar de *a*, colocando o outro como sujeito, o que está em jogo na análise é o desejo do analista, para ouvir e ser capaz de assumir a posição de *a*. Para isso, é fundamental que, por meio da transferência, o analista tome para si o *a*. Como já mencionado, o perverso coloca no analista o lugar de terceiro, testemunha de sua insubmissão à castração, colocando-o no lugar de gozo, de um

sujeito-suposto-saber para um sujeito-suposto-gozar, justamente pela certeza de gozo presente no perverso. Assim, por mais que a transferência, junto a repetição, possa ser vista como resistência, também deve ser vista como possibilidade, pois existe ali algo sobre o gozo do sujeito.

Além disso, é por considerar o sofrimento do sujeito, com a repetição do sintoma, que surge a possibilidade de análise, e a possibilidade de guiar a repetição para a elaboração. Além disso, existe o desafio de não ceder às provocações do perverso para que o analista deixe seu lugar e se coloque enquanto sujeito. Com a não-submissão do analista, o desconforto do perverso se torna a possibilidade do surgimento de uma demanda de análise. Para a análise, é preciso que o sujeito perverso possa se reconhecer enquanto autor de seus atos e a própria falha deles, se reconhecendo como faltante. Por meio da transferência o sujeito poderá reconhecer a lei, e para que a análise se desenvolva é preciso que ambos, analista e analisando sintam-se desafiados.

Diante disso, é possível afirmar que, por se tratar de uma temática pouco explorada, considerando a escassez de materiais que falem necessariamente sobre a clínica da perversão, com ênfase na transferência, este trabalho é capaz assumir certo valor teórico, contribuindo tanto para uma maior compreensão acerca do tema, quanto como base para futuras pesquisas. Por outro lado, também pode auxiliar socialmente em um processo desestigmatizante no que se refere à compreensão da perversão, para além de ações ditas perversas. Os resultados e discussões apresentadas podem servir também para um direcionamento no que tange às especificidades desta clínica, para um entendimento dos possíveis desafios e do caminhar necessário para o tratamento clínico.

No entanto, é preciso reconhecer as limitações desta pesquisa, considerando o tempo e dimensão da mesma, não foi possível abarcar todo o conteúdo acerca do tema, principalmente se tratando da teoria lacaniana, que por ser extensa, foi necessário realizar uma seleção dos materiais mais pertinentes para este trabalho. Desse modo, não é possível tomar este trabalho como algo completo e capaz de lidar com toda a teoria. Por fim, para futuras pesquisas, é interessante abordar outros textos sobre o assunto, além de uma investigação maior sobre casos clínicos para que assim possa apresentar uma maior dimensão e experiência sobre o fazer clínico.

## REFERÊNCIAS

- BARATTO, Cristiane Camponogara. A Perversão na Psicanálise de Freud a Lacan: uma trajetória rumo ao discurso. **Revista Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre**, v.23 p.13-30, 2016. Disponível em: <https://www.bivipsi.org/wp-content/uploads/2016-cepedpa-v23-2.pdf> Acesso em nov. 2024.
- CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. Tradução de Mana Thereza Redig de Carvalho Barrocas. 6ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, 129 p. Título original: *Le normal et le pathologique*.
- CASTRO, Silvia Lira. Staccioli. **Aspectos teóricos e clínicos da perversão**. 2004. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia da PUC, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: [https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/4916/4916\\_1.PDF](https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/4916/4916_1.PDF). Acesso em: abr. 2024.
- CLAVREUL, Jean. et al. 1967. **O desejo e a perversão**. São Paulo: Papirus, 1990. 256p.
- COELHO, Maria Thereza Ávila Dantas; ALMEIDA-FILHO, Naomar de. Normal-patológico, saúde-doença: revisando Canguilhem.. **PHYSIS: Revista Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 13-36, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/5gGFwW3mfRVLShg4zq9zw4s/?format=pdf&lang=pt#:~:text=A%20partir%20de%20Canguilhem%2C%20n%20%20C3%A3o,uma%20organiza%C3%A7%C3%A3o%20pr%C3%B3pria%20uma%20norma>. Acesso em: 31 maio 2024.
- COTTET, S. (1989). **Freud e o desejo do psicanalista**. Tradução de Ari Roitman. Rio de Janeiro: Zahar, 1989, 201 p. Título original: *Freud et le Désir du Psychanalyste*. Disponível em: [https://lotuspsicanalise.com.br/biblioteca/Freud\\_e\\_o\\_Desejo\\_do\\_Psicanalista.pdf](https://lotuspsicanalise.com.br/biblioteca/Freud_e_o_Desejo_do_Psicanalista.pdf). Acesso em: 16 maio 2024.
- COUTINHO, Alberto Henrique Azeredo *et al.* Perversão: uma clínica possível. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 26, n. 51, p. 19-27, dez. 2004. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-73952004000100003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952004000100003). Acesso em: 14 maio 2024.
- DOR, Joël. **Estruturas e clínica psicanalítica**. Tradução de Jorge Bastos e André Teles. Rio de Janeiro: Taurus-Timbre, 1991. 124p. Disponível em: <https://psiligapsicanalise.wordpress.com/wp-content/uploads/2014/09/joel-dohr.pdf> Acesso em: 15 nov. 2024.
- DOR, Joël. **Estrutura e Perversões**. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991. 199p. Título original: *Structure et Perversions*.
- DORSA, Arlinda Cantero. O papel da revisão de literatura na escrita de artigos científicos. **Interações**. Campo Grande, v. 21, n. 4, p. 681-683 out./dez. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/inter/a/cts4sLz6CkZYQfZWBS4Lbr/#>. Acesso em: 18 mar. 2024.
- FERRAZ, Flávio Carvalho. **Perversão**. 7ª ed. São Paulo: Pearson Clinical, 2017, 131 p.

FINK, Bruce. **Introdução clínica à psicanálise lacaniana**. Tradução de Vera Ribeiro. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018, 328p. Título original: A clinical introduction to Lacanian Psychoanalysis (Theory and Technique).

FLEIG, Mario. **O desejo perverso**. Porto Alegre: CMC, 2008. 168 p.

FREUD, Sigmund (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 6**: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentada de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905). Tradução de Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 20-172. Título original: Gesammelte Werke.

FREUD, Sigmund (1912a). A dinâmica da transferência. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 10**: observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O caso Schreber”), artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913). Tradução de Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 133-146. Títulos originais: Gesammelte Werke e Studienausgabe.

FREUD, Sigmund (1912b). Recomendações ao médico que pratica a psicanálise. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 10**: observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O caso Schreber”), artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913). Tradução de Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 147-162. Títulos originais: Gesammelte Werke e Studienausgabe.

FREUD, Sigmund (1914). Recordar, repetir e elaborar. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 10**: observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O caso Schreber”), artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913). Tradução de Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 193-209. Títulos originais: Gesammelte Werke e Studienausgabe.

FREUD, Sigmund (1917). Teoria geral das neuroses. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 13**: conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917). Tradução de Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p.324-613. Título original: Gesammelte Werke.

FREUD, Sigmund (1919). “Batem numa criança”: Contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 14**: história de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). Tradução de Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 293-327. Título original: Gesammelte Werke.

FREUD, Sigmund (1927). O fetichismo. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 17**: inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929). Tradução de Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 302-310. Título original: Gesammelte Werke.

FREUD, Sigmund (1940). Esboço de psicanálise. In: FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Edição Standard Brasileira, 23).

GRAÑA, Roberto Barberena. Além do desvio sexual: analisando a assim chamada perversão. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 32, n. 1, p. 83-101, 1998. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/psa-115261>. Acesso em 16 maio 2024.

HANNS, Luiz Alberto. **Dicionário comentado do alemão de Freud**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Imago, 1966. 508p

IRIBARRY, Isac. Nycos. O que é Pesquisa Psicanalítica? **Agora**, Rio de Janeiro, v.6, n.1, p.115-138, jan./jun. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/kMNkRYxpVCBG6NwwVR8Pryd/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 19 mar. 2024.

KERNBERG, O. F. Perversão, perversidade e normalidade: diagnóstico e considerações terapêuticas. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 32, n. 1, p. 67-82, 1998. Disponível em: <https://spms.com.br/wp-content/uploads/2022/01/KERNBERG-O.-F.-1996.-Perversao-perversidade-e-normalidade-diagnostico-e-consideracoes-terapeuticas.-In.-Rev.-Bras.-Psicanal.-v.-331-67-82-1998-1.pdf> Acesso em: 25 maio 2024.

LACAN, Jacques (1951). Intervenção sobre a Transferência. In: LACAN, Jacque. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p.214-225. Título original: Écrits.

LACAN, Jacques (1956-1957). **O seminário, Livro 4**: a relação de objeto. Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Zahar, 1995. 458p. Título original: : Le séminaire de Jacques Lacan, livre IV: La relation d'objet (1956-1957).

LACAN, Jacques (1960-1961). **O seminário, Livro 8**: A Transferência. Tradução de Dulce Duque Estrada. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. 489p. Título original: Le Séminaire de Jacques Lacan, livre VIII: Le Transfert (1960- 1961).

LACAN, Jacques (1963). Kant com Sade In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 776-803. Título original: Écrits.

LACAN, Jacques (1964). **O seminário, Livro 11**: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Tradução de M. D. Magno. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. 227p. Título original: Le séminaire de Jacques Lacan, livre XI: les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse (1964).

LACERDA, Nathalia Barbosa Valença. **Com Freud e Lacan, um percurso sobre a transferência**. 2011. Monografia (Curso de Especialização em Psicologia Clínica) Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/35632/35632.PDF>. Acesso em: nov. 2024.

LAMEIRA, V. M.; COSTA, M. C. S.; RODRIGUES, S. M. Fundamentos Metodológicos da Pesquisa Teórica em Psicanálise. **Revista Subjetividades**, Fortaleza, v. 17, n. 1, p. 68-78, 2017. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2359-07692017000100007](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692017000100007). Acesso em: 19 mar. 2024.

LANDI, Elizabeth Cristina.; CHATELARD Daniela. Sheinkman. O lugar do analista e a ética do desejo. **Tempo psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 47, n. 2, p. 156-170, dez. 2015. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-48382015000200011](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382015000200011). Acesso em: 08 maio 2024.

MANNONI, O (1969). **Chaves para o imaginário**. Tradução de Lígia Maria Pondé Vassalo. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1973. 336p. Título original: Clefs pour L'Imaginaire ou L'Autre Scène. Disponível em: <https://pdfcoffee.com/as-chaves-do-imaginario-eu-sei-mas-mesmo-assim-o-mannoni-5-pdf-free.html> Acesso em: 15 nov. 2024.

MARTINHO, Maria Helena Coelho. **Perversão: um fazer gozar**. 2011. Tese (Doutorado em Psicanálise) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicanálise, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <http://www.bdtd.uerj.br/handle/1/14544>. Acesso em: nov. 2023.

MCDOUGALL, Joyce. **Teatros do eu**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992, 221 p.

MILLER, Jacques-Alain. Fundamentos de la perversión. In: MILLER, Jacques-Alain. **Perversidades**: Colección Orientación Lacaniana, Buenos Aires, Barcelona, México: Eol, Paidós, 2001, p. 15 - 38.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes. 2001, 80 p. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 16 maio 2024

MOTTA-ROTH, Désirée.; HENDGES, Graciela. Rabuske. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, 168 p. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3480096/mod\\_label/intro/Motta-Roth\\_Rabuske\\_Hendes\\_-\\_2010\\_-\\_Cap\\_3\\_-\\_Projeto\\_de\\_Pesquisa.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3480096/mod_label/intro/Motta-Roth_Rabuske_Hendes_-_2010_-_Cap_3_-_Projeto_de_Pesquisa.pdf) Acesso em: jun 2024.

PETRY, Paulo Padilla. A posição do analista: Impasses e alternativas. **Estilos da clínica**, São Paulo, v. 13, n. 25, p. 210-231, dez. 2008. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-71282008000200013](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282008000200013). Acesso em: 06 maio 2024.

PINHEIRO, Welber de Barros. **O conceito de transferência em Freud**. 2014. Monografia (Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/54153/1/monografiawelbertransferencia.pdf>. Acesso em: abr. 2024.

POMMIER, Gérard. **O amor ao avesso**: ensaio sobre transferência em psicanálise. Tradução Sandra Regina Felgueiras. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1988. 480 p. Título original: L'amour a l'envers.

PRADO, C. E. A.; ANJOS, F. M. ESTEVÃO, I. R. A presença do analista: Lugar e função do corpo do psicanalista em diferentes contextos de atuação. **Ágora**, Rio de Janeiro, v.2, n. 2, p.21-29, maio/ago. 2021. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/agora/a/7mq8mrTk5gqbSWZDBTpvSgh/?lang=pt#>. Acesso em: 08 maio 2024.

QUINET, Antônio. **Psicose e laço social**: esquizofrenia, paranoia e melancolia. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. 237p.

ROSA JUNIOR, Norton Cezar Dal Follo da. **Perversão e Filiação**: O desejo do analista em questão. 2013. Tese (Doutorado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/87581>. Acesso em nov. 2024.

ROTHER, Edna Terezinha. Revisão Sistemática x Revisão Narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, v.20, n.2. jun. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/z7zZ4Z4GwYV6FR7S9FHTByr/>. Acesso em: 19 mar. 2024.

RUDGE, Ana Maria. Versões do supereu e perversão. **Psicologia: Reflexão & Crítica**. Porto Alegre, v. 12, n. 3, p. 1-12, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/4zr5jDbzN65yz79GBmWsGPY/?lang=pt#> Acesso em: nov 2024.

SANTOS, Manoel Antônio dos. A transferência na clínica psicanalítica: A abordagem freudiana. **Temas em Psicologia**. São Paulo, v.2 n. 2 p. 13-27, ago. 1994. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X1994000200003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1994000200003). Acesso em: 26 abr. 2024.

TELLES, J. S. S. O papel do analista. *In*: João Sérgio Siqueira Telles. **Sérgio Telles Psicanalista e Escritor**. São Paulo, 1996 Disponível em: <https://sergiotelles.com.br/o-papel-do-analista/>. Acesso em: 16 maio 2024.